

PUCRS

ESCOLA DE NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

KAREN FRANCES MEDROA

**INOVAÇÃO SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DA COMUNIDADE E DO ENTORNO: O
CASO DO VILA FLORES EM PORTO ALEGRE**

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

KAREN FRANCES MEDROA

**INOVAÇÃO SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DA COMUNIDADE E DO ENTORNO:
O CASO DO VILA FLORES EM PORTO ALEGRE**

Porto Alegre
2019

KAREN FRANCES MEDROA

**INOVAÇÃO SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DA COMUNIDADE E DO ENTORNO:
O CASO DO VILA FLORES EM PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como parte do requisito à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos

Porto Alegre
2019

Karen Frances Medroa

Inovação social e transformação da comunidade e do entorno: o caso do Vila Flores em Porto Alegre

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 29 de março de 2019, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Ana Clarissa Matte Santos
Orientadora e Presidente da sessão



Prof. Dra. Edimara Mezzomo Luciano



Prof. Dra. Natália Delgado

Ficha Catalográfica

M492i Medroa, Karen Frances

Inovação social e transformação da comunidade e do entorno :
O caso do Vila Flores em Porto Alegre / Karen Frances Medroa .
– 2019.

86.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Administração, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos.

1. Inovação social. 2. Desenvolvimento local. 3. Vila Flores. 4.
Grounded Theory. I. dos Santos, Ana Clarissa Matte Zanardo. II.
Título.

Aos seres invisíveis das cidades

*“Eu, brasileiro, confesso
Minha culpa, meu degredo
Pão seco de cada dia
Tropical melancolia
Negra solidão*

*Aqui é o fim do mundo
Aqui é o fim do mundo
Aqui é o fim do mundo”*

(Marginália II – Torquato Neto)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela força incondicional, por acreditar em mim sempre e por me criarem com um olhar sensível às questões sociais.

A minha irmã, Camila, pela paciência diária.

À minha orientadora, professora Ana, por me introduzir ao mundo da inovação social, pelas orientações feitas com afeto e por me lembrar que a pesquisa vai além de resultados encontrados e transformam indivíduos.

À professora Maira pelas provocações no estudo dos pobres do Brasil, pelas críticas durante o projeto e, principalmente, por me incentivar a usar uma metodologia mais desafiadora.

Aos meus amigos, Livia e César, pelas provocações nas discussões sobre o espaço nas cidades, por fornecer as fontes de dados e livros e pelo carinho ofensivo.

Às minhas queridas amigas, Laura e Anna, por ouvir os desabafos sobre o mestrado e minhas histórias de encantamento com o Vila Flores, pelas transcrições e pelo apoio incondicional nestes últimos dois anos.

Aos meus colegas de trabalho, Baltar, Lisiane, Leonardo, Micaela e Roberto, por cobrir minhas ausências e por suportar o humor de uma mestranda exausta.

Às minhas "patas" de pesquisa, Franciele e Aline, pelas discussões intensas durante as aulas, pelos desabafos e, principalmente, por fazer do mestrado um processo mais aprazível.

Ao Vila Flores e todos os entrevistados por compartilhar suas histórias e tempo com esta pesquisadora

RESUMO

A necessidade de discutir e agir sobre o futuro das cidades está cada vez mais evidente, como se percebe na importância dada por grandes organizações mundiais como a ONU, que dedicou um dos seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS para cuidar das cidades e comunidades sustentáveis. Diante desta necessidade, o objetivo desta pesquisa é compreender como a inovação social promove o desenvolvimento da comunidade e do entorno onde ela acontece. Além disso, também serão atendidos, quatro objetivos específicos: a) Compreender o contexto da inovação social; b) Identificar quais são os atores envolvidos no processo de inovação social; c) Compreender como os atores envolvidos se relacionam entre si; e d) Analisar os resultados que a interação entre os atores gera no contexto. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre inovação social com foco, principalmente, no desenvolvimento local promovido por inovações sociais. A pesquisa, de natureza qualitativa, seguiu a metodologia *Grounded Theory* aplicada ao caso do Vila Flores. A coleta de dados foi realizada através da realização de entrevistas semiestruturadas, observações em campo e documentos (vídeos), enquanto que a análise dos dados foi realizada através de comparação constante. Os resultados encontrados contribuem academicamente pela proposta de um modelo para analisar a inovação social e o desenvolvimento local, pelo próprio uso da *Grounded Theory* e pela identificação de novas propriedades da inovação social. Já os resultados gerenciais se resumem a disseminação de práticas colaborativas em empreendimentos sociais e tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação social; Desenvolvimento local; Vila Flores; *Grounded Theory*

ABSTRACT

The need to discuss and act on the future of cities is increasingly evident, as we see large in the importance given by large world organizations such as the UN, which dedicated one of their Sustainable Development Objectives - SDO to take care of sustainable cities and communities. The objective of this research is to understand how social innovation promotes development of the community and the environment in which it is carried out. In addition, tried to respond four specific objectives: a) Understand the context of social innovation; b) Identify which are the agents involved in the process of social innovation; c) Understand how the actors involved relate to each other; and d) Analyze the results that the interaction between the media generates without context. For this, was made a journal review on social innovation with focus, mainly, in local development promoted by social innovations. The research have qualitative nature, followed by a Grounded Theory methodology applied to the Vila Flores case. The data collection was performed through the analysis of semi-structured interviews, observations in the field and videos and documents analysis, while an analysis of the data was performed through the constant comparison. The academic results were evaluated by the proposal of a model of social analysis and local development, by the use of *Grounded Theory* and by the identification of new properties of social innovation. The managerial results are generated by a dissemination of collaborative practices in social and traditional enterprises.

KEY WORDS: Social innovation; Local development; Vila Flores; *Grounded Theory*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre as correntes de Grounded Theory.....	36
Quadro 2 – Evidências iniciais do caso associadas às dimensões do ALMOLIN.....	41
Quadro 3 – Documentos analisados.....	43
Quadro 4 – Matriz de Schmitter de definições de "holders".....	46
Quadro 5 – Entrevistas realizadas.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cronologia dos conceitos de inovação social.....	26
Figura 2 - Dinâmicas de inclusão-exclusão social e inovação social.....	29
Figura 3 - Temas e autores abordados na pesquisa	33
Figura 5 - Mapa da localização do Vila Flores e entorno.....	40
Figura 6 - Triangulação de coleta de dados	42
Figura 7 – Processo desenhado de seleção de entrevistados	45
Figura 8 – Modelo Dinâmico de compreensão da Inovação Social e Desenvolvimento Local	51
Figura 9 – Logo e slogan do Vila Flores.....	58
Figura 10 – Tarde no Vila Flores.....	60
Figura 11 - Bandeira com o dizer “Amor, Ordem e Progresso” no pátio do Vila Flores	66
Figura 12 - Eventos de outros atores promovidos pelo Vila Flores em redes sociais	67
Figura 13 - Linha do tempo do projeto arquitetônico do Vila Flores.....	69
Figura 14 - Bancos construídos pelo Vila Flores para as prostitutas sentarem durante a jornada de trabalho e cartaz de programação mensal	76
Figura 15 – Foto do Vila Flores pela Rua Hoffmann	88
Figura 16 – Foto aérea do complexo Vila Flores.....	88

LISTA DE SIGLAS

ALMOLIN	Modelo Alternativo de Inovação Local
ACVF	Associação Cultural Vila Flores
CRISES	Centre de recherche sur les innovations sociales
CSM	Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini
FEE	Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul
IAD	Integrated Area Development
IST	Transformatives Social Innovations
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
ONU-HABITAT	Programa para Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas
SINGOCOM	Social Innovation, Governance and Community Building

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	16
1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 INOVAÇÃO SOCIAL: CONTEXTO E CONCEITOS.....	21
2.2 INOVAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL	27
3 MÉTODO DE PESQUISA	34
3.1 CLASSIFICAÇÃO E DESENHO DE PESQUISA	34
3.2 SELEÇÃO DO CASO	38
3.3 COLETA DE DADOS	41
3.3.1 Triangulação	41
3.3.2 Critérios de seleção de entrevistados	44
3.3.3 Banco de dados.....	47
3.3.4 Protocolos.....	47
3.4 ANÁLISE DE DADOS.....	48
4 RESULTADOS.....	51
4.1 CONTEXTO DA INOVAÇÃO SOCIAL	52
4.1.1 Dependência da Trajetória.....	53
4.1.2 Especificidades Espaciais.....	54
4.2 ATORES DA INOVAÇÃO SOCIAL.....	56
4.2.1 Protagonistas da Inovação Social	57
4.2.2 Comunidade local.....	60
4.2.3 Parceiros estratégicos	63
4.2.4 Ativismos sociais	64
4.3 ESTÍMULOS DA INOVAÇÃO SOCIAL.....	67
4.3.1 Oportunidades aproveitadas.....	68
4.3.2 Missão social	69
4.3.3 Vazios institucionais	70

4.4 A INOVAÇÃO SOCIAL E SUAS RELAÇÕES	72
4.4.1 Colaboração.....	72
4.4.2 Promoção de iniciativas e causas sociais	74
4.4.3 Conflito.....	75
4.5 O EMPODERAMENTO/DESEMPODERAMENTO E DISCUSSÃO	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	83

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo a sustentabilidade, no senso comum, era vinculada apenas às iniciativas ambientais ou de manutenção do crescimento econômico. Entretanto, com o passar do tempo, o pilar que trata das questões sociais começou a ser incluído nas discussões. Um exemplo disso é que, em 1987, a Organização das Nações Unidas – ONU lança o Relatório Brundtland, que amplia a visão de desenvolvimento, incluindo nas suas estratégias e objetivos a necessidade de eliminação da pobreza e da vulnerabilidade e o atendimento de necessidades de bem-estar do ser humano. Em suma, o desenvolvimento sustentável deve garantir o crescimento econômico sem se opor ao cuidado com o meio ambiente e à justiça social.

Em linha à atenção ao pilar social, em 2000, a ONU, com o objetivo de aglutinar os países para minimizar os grandes problemas mundiais, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio, que deveriam ser atingidos até 2015. Na revisão dos resultados obtidos e como resposta ao não atingimento de alguns objetivos estabelecidos, em 2015, a ONU lança os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS, com 17 objetivos e 169 metas a serem atingidos até 2030. Os ODS respeitam os pilares da sustentabilidade e alvejam

“ações mundiais nas áreas de erradicação da pobreza, segurança alimentar, agricultura, saúde, educação, igualdade de gênero, redução das desigualdades, energia, água e saneamento, padrões sustentáveis de produção e de consumo, mudança do clima, cidades sustentáveis, proteção e uso sustentável dos oceanos e dos ecossistemas terrestres, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura, industrialização, entre outros.” (ONU-BR, 2017).

Considerando que grande parte da população mundial vive em áreas urbanas e que muitos dos problemas que as ODS pretendem resolver com suas ações se tornam mais evidentes nas cidades (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005), o objetivo número 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis – merece destaque. Nesse sentido, a partir de 2010, a ONU incluiu o compromisso de zelar pelos pobres urbanos do mundo ao seu Programa para Assentamentos Humanos – ONU-HABITAT, que nasceu com o

propósito de auxiliar a coordenar as atividades em torno dos assentamentos humanos. Assim, hoje a ONU-HABITAT impulsiona a Campanha Urbana Mundial, que busca informar e conscientizar a população mundial sobre a necessidade de ter cidades sustentáveis, com pouca desigualdade e com serviços básicos de qualidade (ONU-BR, 2017).

As evidências descritas nos objetivos e as ações traçadas pela ONU nada mais são do que o reflexo das mudanças demandadas pela sociedade frente à valorização de novos fenômenos: qualidade de vida, igualdade e justiça, equilíbrio ambiental, etc (SCOTT-CATO; HILLIER, 2010). Diversas iniciativas locais e *bottom-up* têm surgido nos últimos anos como uma forma subversiva de enfrentar problemas gerados pelo modelo econômico atual. Alternativas para a mobilidade urbana e ecológica, novas fontes de energia na cidade, agricultura urbana e alimentação saudável, negócios sociais para melhoria de moradias vulneráveis, ocupação dos espaços públicos e de convívio são algumas destas iniciativas.

A importância destas iniciativas é reforçada em ambientes onde o Estado de Bem Estar perde força (HEALEY, 2009; SWYNGEDOUW, 2005), as comunidades se encontram em situação de vulnerabilidade (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; MEMBRETTI, 2007; NOVY; HAMMER, 2007; WAMUCHIRU; MOULAERT, 2017) ou, ainda, é preciso superar situações de crise e de mudança climática (PAIDAKAKI; MOULAERT, 2017; RODIMA-TAYLOR, 2012; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010). As mudanças advindas destas novas iniciativas urbanas tem em comum a alteração da lógica local, promovendo transformações sociais, geográficas e de poder nas cidades e comunidades onde se desenvolvem (GONZALEZ; HEALEY, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; MOULAERT; MEHMOOD, 2010; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005).

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

É neste contexto que o conceito de inovação social, se torna capaz de explicar o fenômeno descrito acima. Mesmo não havendo consenso para sua

definição (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016), a inovação social se distancia da inovação tecnológica por perseguirem objetivos diferentes. Em outras palavras, as inovações sociais procuram a melhoria da qualidade de vida e a geração de capacidades sociais enquanto que as inovações tecnológicas buscam o crescimento econômico (AVELINO et al., 2017; CLOUTIER, 2003; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014; MULGAN, 2006; MUMFORD, 2002).

Então, concordando com Moulaert (2005), sobre o quanto “é necessário um confronto mais coerente e integração de elementos provenientes de diferentes disciplinas e teorias” (MOULAERT et al., 2005, p. 1988), admite-se que noções de conceitos advindos da geografia e dos estudos espaciais, como a chamada “justiça espacial”, podem servir para ampliar o debate sobre o desenvolvimento local promovido através de inovações sociais.

“Uma nova ênfase na causalidade espacial especificamente urbana surgiu para explorar os efeitos generativos das aglomerações urbanas, não apenas no comportamento cotidiano, mas em processos como inovação tecnológica, criatividade artística, desenvolvimento econômico, mudança social, degradação ambiental, polarização social, aumento da renda lacunas, políticas internacionais e, mais especificamente, a produção de justiça e injustiça” (SOJA, 2009, p. 2).

Desta forma, uma linha de estudos em inovação social se consolidou com foco no desenvolvimento local (MOULAERT et al., 2005; VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016). Em resumo, esta linha discute (i) como a inovação social se consolida em ambientes de vulnerabilidade (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; EIZAGUIRRE et al., 2012; KLEIN; TREMBLAY; BUSSIERES, 2010; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010), (ii) qual o papel do espaço (físico e social) nas iniciativas e resultados das inovações sociais (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; HEALEY, 2009; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; MEMBRETTI, 2007; MOULAERT et al., 2005; MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005) e (iii) como os processos de inovação social podem ou não levar a um novo arranjo social – governança participativa

(CASSIERS; KESTELOOT, 2012; EIZAGUIRRE et al., 2012; HEALEY, 2009; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; MOULAERT; MEHMOOD, 2010; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014; NOVY; HAMMER, 2007; NOVY; LEUBOLT, 2005; PARÉS; BONET-MARTÍ; MARTÍ-COSTA, 2012; SWYNGEDOUW, 2005; TAŞAN-KOK, 2010). Ou seja, são importantes, principalmente, para entender como, ao longo do tempo, as organizações e as iniciativas determinaram suas estratégias de desenvolvimento para reagir à dinâmica de exclusão e às situações de privação de insumos e serviços (MOULAERT et al., 2005; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014), permitindo o empoderamento cidadão.

Apesar de estes conceitos ficarem ainda mais latentes num contexto de países em desenvolvimento, a literatura específica em inovação social local tem sua maioria de casos estudados em contextos de países desenvolvidos (principalmente o europeu) (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; MEMBRETTI, 2007; PARÉS; BONET-MARTÍ; MARTÍ-COSTA, 2012; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010; TAŞAN-KOK, 2010). Os países em desenvolvimento podem apresentar características diferentes ao do contexto europeu, pois enquanto no segundo caso os estudos incorporam a relação das instituições civis com o Estado de Bem-Estar enfraquecido, no primeiro contexto os arranjos institucionais são mais fracos (em alguns casos inexistentes) e abrem espaço para vazios institucionais. Essa diferença permite concluir que países como o Brasil possuem potencial para ampliar a compreensão sobre a inovação social considerando o foco do desenvolvimento local dado que a mesma pode se apresentar com características diferentes. Além disso, pela sua complexidade ainda há espaço para a realização de estudos empíricos (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; EIZAGUIRRE et al., 2012; MOULAERT et al., 2005). Sendo assim, esta pesquisa procurou compreender o desenvolvimento local a partir de inovações sociais. Portanto, buscou-se responder a seguinte questão de pesquisa: **Como a inovação social promove o desenvolvimento no local onde ocorre?**

1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

Em conformidade ao problema apresentado anteriormente, este projeto tem o objetivo de compreender como a inovação social promove o desenvolvimento na local onde ocorre. Para atingi-lo, pretende-se desmembrá-lo em quatro objetivos específicos:

- a) Compreender o contexto da inovação social;
- b) Identificar quais são os atores envolvidos no processo de inovação social;
- c) Compreender como os atores envolvidos se relacionam entre si;
- d) Analisar os resultados que a interação entre os atores gera no contexto.

Os resultados encontrados nesta pesquisa têm por finalidade contribuir com um maior entendimento sobre a inovação social, seu processo, seus atores e principalmente sua influência no meio onde ocorre. Desta forma, permitem ampliar a discussão teórica sobre a inovação social e promovem o a reflexão sobre a implementação de práticas alternativas para melhorar a vida na cidade. Por isso, esta dissertação está estruturada em cinco capítulos:

- Capítulo 1 – introduz o tema da inovação social dentro de um contexto maior, justificando a importância de realizar estudos que unam a inovação social com o desenvolvimento local.
- Capítulo 2 – revisa a literatura relacionada ao tema, se dividindo numa primeira parte na revisão da literatura sobre inovação social e suas principais propostas de conceituação ao longo do tempo, seguido da revisão dos principais conceitos que explicam o desenvolvimento local através da inovação social.
- Capítulo 3 - descreve as práticas metodológicas aplicadas na pesquisa, definindo o desenho de pesquisa, enquadrando o estudo de caso e descrevendo as técnicas de coleta, os critérios de seleção dos entrevistados e os passos de análise de dados.

- Capítulo 4 – aborda os resultados encontrados durante a análise dos dados, trazendo um modelo que emergiu dos dados e descrevendo cada elemento que compõe o modelo e suas interações.
- Capítulo 5 – traz as considerações finais, retomando a questão de pesquisa principal e específicas ao mesmo tempo que vincula aos resultados encontrados. Além disso, lista as principais contribuições acadêmicas e gerenciais, as limitações da pesquisa e a sugestão de estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como intuito resgatar a discussão dos conceitos contidos no problema de pesquisa, com base em uma pesquisa bibliográfica sobre os estudos mais relevantes dentro desta temática, e será dividido em duas subseções. Sendo assim, primeiramente, descrevem-se os diferentes conceitos da inovação social ao longo do tempo. Em seguida, serão apresentados os estudos que relacionam a inovação social com o desenvolvimento local e serão discutidos os principais argumentos e categorias.

2.1 INOVAÇÃO SOCIAL: CONTEXTO E CONCEITOS

O termo inovação é associado inicialmente ao economista austríaco Joseph Schumpeter, que introduziu o termo ao explicar os ciclos de desenvolvimento econômico. Para ele, a inovação difere da invenção já que uma é uma ideia nova ou melhorada de um produto ou um processo e que somente se completa quando há uma transação comercial envolvendo uma invenção e assim gerando riqueza (SCHUMPETER, 1988).

Desta forma, o processo de transformação gerado pelas inovações tecnológicas é chamado de “destruição criativa” e é esse processo que impulsiona os ciclos econômicos. Por sua vez, de acordo com o Manual de Oslo (OCDE, 2005) “Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas.”.

Em contraste ao foco tecnológico e economicista da inovação, a sociedade atual possui uma demanda latente por soluções que reduzam a desigualdade social e combatam as externalidades negativas do modelo tradicional de economia. Desta forma, o conceito de inovação social surge como fonte de transformação da realidade e se apresenta como um novo paradigma. Apesar de ter surgido na

metade do século passado e de possuir tendência de crescimento, a inovação social ainda é marginalizada e não possui grande expressão no meio acadêmico (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016), já que a maioria dos estudos na área ainda trata a inovação sob a visão schumpeteriana.

Então, por ser um tema emergente (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; MOULAERT et al., 2005; VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016) não há consenso na literatura sobre sua definição. “A falta de uma definição abrangente comumente aceita, simultaneamente, reflete a fragilização do campo de pesquisa e o fato de que a inovação social é um fenômeno complexo e multifacetado que abrange uma ampla gama de atividades.” (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016, p. 1925). Assim, sua multidisciplinariedade fica evidente ao identificar nas bases de dados, trabalhos nas áreas de administração e negócios, criatividade, ciências políticas, território e desenvolvimento local, economia do desenvolvimento humano, etc (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCANTARA, 2012). Apesar das discrepâncias, vale a pena resgatar as principais definições dadas ao longo do tempo na literatura. A seguir, serão apresentadas definições de inovação social de acordo com a cronologia.

Taylor é considerado o primeiro autor a definir a inovação social ainda na década de 1970 (CLOUTIER, 2003; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012), já que sua definição se afasta da visão mercadológica. Para ele, as inovações sociais são “novas formas de fazer as coisas a fim de atender às necessidades sociais (CLOUTIER, 2003). A conceituação de Taylor é essencial, porém ainda genérica e não permite identificar claramente uma inovação social. Nesse sentido, segundo Bignetti (2011), Chambon se aproxima de uma caracterização ao indicar quatro dimensões para entender a inovação social: (i) sua forma, (ii) seu processo de criação e implantação, (iii) seus atores e (iv) os objetivos de mudança que busca atingir. Chambon et al. (1982) também introduz sinais de empoderamento ao definir a inovação social como “as práticas que, mais ou menos, diretamente permitem a um indivíduo - ou a um grupo – assumir o comando por uma necessidade social - ou um conjunto de necessidades sociais - que não estão

satisfeitas ” (CHAMBON ET AL.; 1982, p.8). Por sua vez, na década de 1990, Crozier e Friedberg (1993, apud EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCANTARA, 2012), inclui no debate o aprendizado gerado pela inovação social e o papel do coletivo como essenciais para a execução da mesma. Assim, Crozier e Friedberg (1993, apud EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCANTARA, 2012) definem a inovação social como uma nova prática social, cujo processo permite que os membros do processo adquiram habilidades cognitivas, racionais e organizacionais necessárias.

O avanço do milênio pode ser considerado uma marca nos estudos da inovação social, pois houve um aumento expressivo nas publicações de inovação social (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016). Um exemplo disso é a aparição de estudos realizados por grupos de pesquisa específicos no tema. Nesse sentido, o CRISES - *Centre de recherche sur les innovations sociales* estuda e analisa a inovação social e as transformações sociais que elas geram em quatro dimensões: 1) práticas políticas e sociais, 2) territórios e governos locais 3) empreendimentos coletivos, 4) trabalho e emprego. Assim, eles definiram as inovações sociais como novas formas organizacionais e institucionais, novas formas de fazer as coisas, novas práticas sociais, novos mecanismos, novas abordagens e novos conceitos que dão origem a conquistas e melhorias concretas (CRISES, 2004). Uma das suas principais pesquisadoras do CRISES é Cloutier (2003), acrescenta que uma das características essenciais da inovação social ter processo enraizado na participação dos beneficiários e das partes interessadas no campo e na qualidade das parcerias criadas, evidenciando mais uma vez o caráter inclusivo e empoderador da inovação social. Além disso, Cloutier (2003) lista cinco características para identificar uma inovação social: i) caráter inovador e experimental em um dado contexto; ii) estado de espírito e tomada de risco pelas partes interessadas do projeto; iii) impacto sobre as políticas sociais a nível nacional ou local; iv) qualidade da parceria entre os atores usuais e os novos; e v) participação dos beneficiários, voluntários e população local no projeto.

Na mesma época, outras abordagens aparecem para complementar a da inovação social como promotora de mudanças sociais. Por um lado, temos os estudos de inovação social guiados por Mumford (2002), que se preocupam em entender o processo e a geração das inovações sociais com um olhar sobre os processos criativos e artísticos. Para ele a inovação social se resume “a geração e implementação de novas ideias sobre como as pessoas devem organizar atividades interpessoais, ou interações sociais, para alcançar um ou mais objetivos comuns” (MUMFORD, 2002, p. 253). Desta forma, ele descreve que a inovação social pode aparecer na forma de “grandes inovações”, que transformam a organização social e relações sociais ao ponto de atingir as instituições sociais, governo e movimentos sociais – a exemplo de Martin Luther, Henry Ford e Karl Marx; e de “pequenas inovações” que envolvem a criação de novos processos e procedimentos para estruturar o trabalho colaborativo, a introdução de novas práticas sociais em um grupo ou o desenvolvimento de novas práticas de negócios (MUMFORD; 2002).

Em 2005, depois de quatro anos de trabalhos patrocinados pela União Europeia, o grupo de estudos sobre SINGOCOM - *Social Innovation, Governance and Community Building* – lança seu relatório final, direcionando os estudos da inovação social para a discussão de territorialidade e desenvolvimento urbano. Assim, eles caracterizam a inovação social que surge no nível local em dois pilares (i) pilar social – que afeta as instituições, as relações sociais e o empoderamento local e (ii) pilar econômico – que se refere a satisfação das necessidades humanas (MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005). Uma descrição mais detalhada desta definição será feita na próxima subseção.

Mulgan (2006) define a inovação social como "atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de atender uma necessidade social e que são predominantemente desenvolvidas e difundidas por meio de organizações cujos principais fins são sociais" (MULGAN, 2006, p. 146). Sua abordagem é mais sociológica e, por isso, afirma que a forma mais eficaz de cultivar a inovação social é entender o empoderamento das pessoas, já que elas “são intérpretes competentes de suas próprias vidas e solucionadoras competentes de seus próprios problemas.”

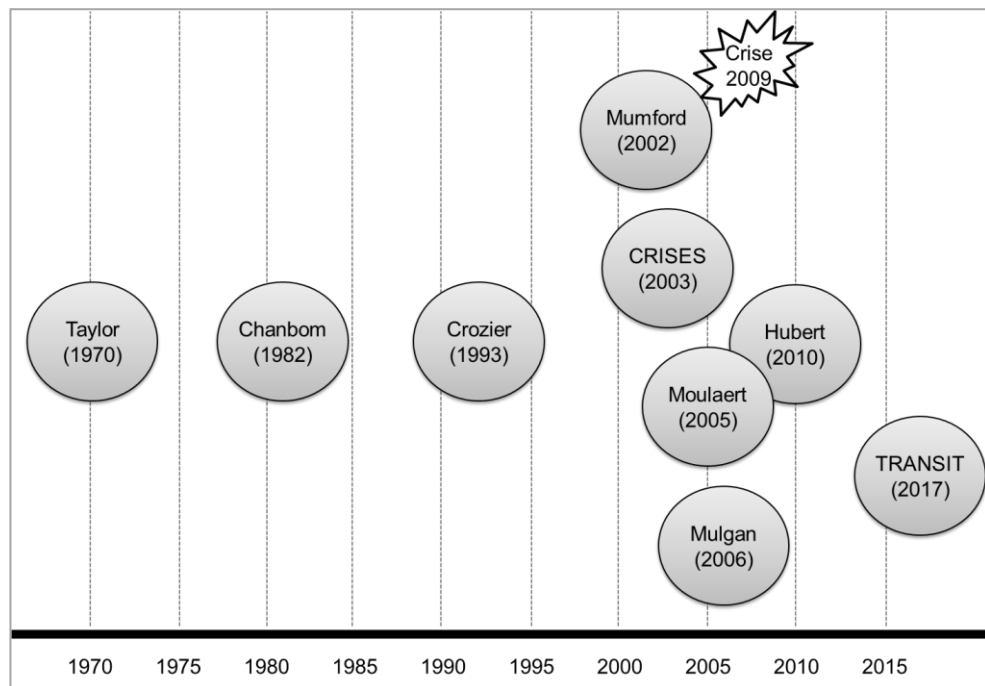
(MULGAN; 2006, p.150). Com o passar do tempo, Mulgan aperfeiçoa as características da inovação social e, em conjunto com outros pesquisadores, lança o modelo espiral do processo de inovação social. Este modelo contribui para análise de seis etapas que convertem uma ideia de inovação social em real impacto: (i) Diagnóstico – identificação dos problemas; (ii) Propostas – aparecimento das ideias; (iii) Protótipo – testar na práticas as ideias; (iv) Sustentação - a ideia se torna prática cotidiana; (v) Escala – disseminação das inovações sociais e suas práticas; (vi) Mudança sistêmica - envolve novas estruturas ou arquiteturas compostas de inovações menores. É importante salientar que para eles, “esses estágios nem sempre são sequenciais - algumas inovações saltam diretamente para a "prática" ou até mesmo "escala"-, e há ciclos de retroalimentação entre eles” (CAULIER-GRICE; MULGAN; MURRAY, 2010, p. 12).

A ideia de Mulgan (2006) de inovação social com caráter social em seus fins e meios é reforçada em Hubert (2010). Para ela as inovações sociais são “novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendam simultaneamente às necessidades sociais (de forma mais eficaz do que alternativa) e que criem novas relações sociais ou colaborações” (HUBERT; 2010, p.33), aumentando a capacidade de agir da sociedade. A maior contribuição da abordagem de Hubert (2010) é entender a inovação social como uma oportunidade para transformar a realidade social, através de novas soluções, empoderamento cidadão e melhoria da qualidade de vida.

Em 2014, foi inaugurado o projeto *Transformative Social Innovation Theory* – TRANSIT com o objetivo de desenvolver uma teoria de inovação social transformadora e tentando compreender como a inovação social pode trazer empoderamento e transformação social. Patrocinado pela Comissão Europeia, em dezembro de 2017, o projeto de pesquisa encerra suas atividades entregando uma teoria resultante da integração da Teoria da Transição, da Teoria dos Movimentos Sociais e da Teoria Institucional. Desta forma, Avelino et. al (2017) conceitua a inovação social transformativa – IST (*Transformative Social Innovation*) “como a inovação social que desafia, altera ou substitui as instituições dominantes, como

resultado de uma interação co-evolutiva entre essas diferentes, mas entrelaçadas, dimensões de inovação e mudança” (AVELINO et al., 2017, p. 9). Dentro dessa lógica, levantam a inquietação sobre se o empoderamento de uns, desempodera outros. Além disso, o TRANSIT contribui com o entendimento da inovação social ao propor quatro conceitos para analisar as diferentes formas da inovação social e da mudança: 1) inovação social, (2) sistemas de inovação, (3) atores da mudança do jogo e (4) narrativas de mudança. A Figura 1 resume a cronologia dos conceitos de inovação social discutidos acima.

Figura 1 - Cronologia dos conceitos de inovação social



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Nos conceitos iniciais da inovação social, Taylor (1970) e Chambon (1982), tinham a preocupação de distinguir este conceito do conceito tradicional de inovação tecnológica. Já nos anos 90, Crozier e Friedberg (1993) introduzem na discussão, o aprendizado gerado nos atores envolvidos na inovação social. Este aprendizado pode ser entendido como mudança e, portanto, ressalta a poder de transformação da inovação social, que ficou evidente nos estudos que se desenvolveram na virada do século. Assim, a inovação social passou a ser estudada como processo de

mudança social (i) com foco no processo criativo por Mumford (2002); (ii) com caráter inclusivo e participativo por CRISES (2004); (iii) com foco na transformação do território e das comunidades por Moulaert (2005); e (iv) com seu objetivo de caráter social por Mulgan (2006). A crise financeira e econômica de 2009 foi destacada na Figura 1, pois ela se tornou um terreno fértil para a implementação de soluções inovadoras e alternativas aos problemas sociais. Este contexto, permitiu o surgimento das visões de inovação social de Hubert (2010) e Alvelino et. al (2017) que procuram mudanças mais estruturais, que aumentem a qualidade de vida dos cidadãos numa sociedade mais dinâmica.

2.2 INOVAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Um dos últimos levantamentos sobre a literatura em inovação social é a revisão sistemática da literatura de Van der Have e Rubalcaba (2016), que identificaram a existência de certos agrupamentos de estudos no tema: (1) Psicologia comunitária, (2) Pesquisa criativa, (3) Desafios sociais e societários, (4) Desenvolvimento local. “Todos os quatro clusters parecem estar de acordo em que a inovação social abrange mudanças nas relações sociais, sistemas ou estruturas, embora isso possa ser abordado a partir de diferentes níveis de análise” (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016, p. 1930). Mas quando se compara se o foco de análise é o processo da inovação social ou o resultado da inovação social, apenas o Grupo 4 – Desenvolvimento Local demonstra maior equilíbrio, não favorecendo processos ou resultados em detrimento do outro. Por isso, e também para atender a questão principal desta pesquisa, nesta seção serão discutidos os principais conceitos e as abordagens relacionadas ao Grupo 4.

Para concretizar esta discussão, a pesquisadora entrou em contato com um dos autores para ter acesso a lista dos 35 artigos selecionados no Grupo 4. Após leitura dos resumos, 11 destes artigos foram descartados da leitura por não apresentarem sinergia direta com o tema desta pesquisa. Para complementar a análise e evidenciar a contemporaneidade do tema, a pesquisa na base de dados foi

realizada até 2018 e foram inclusos os três artigos mais recentes de Frank Moulaert publicados em 2014 e 2017.

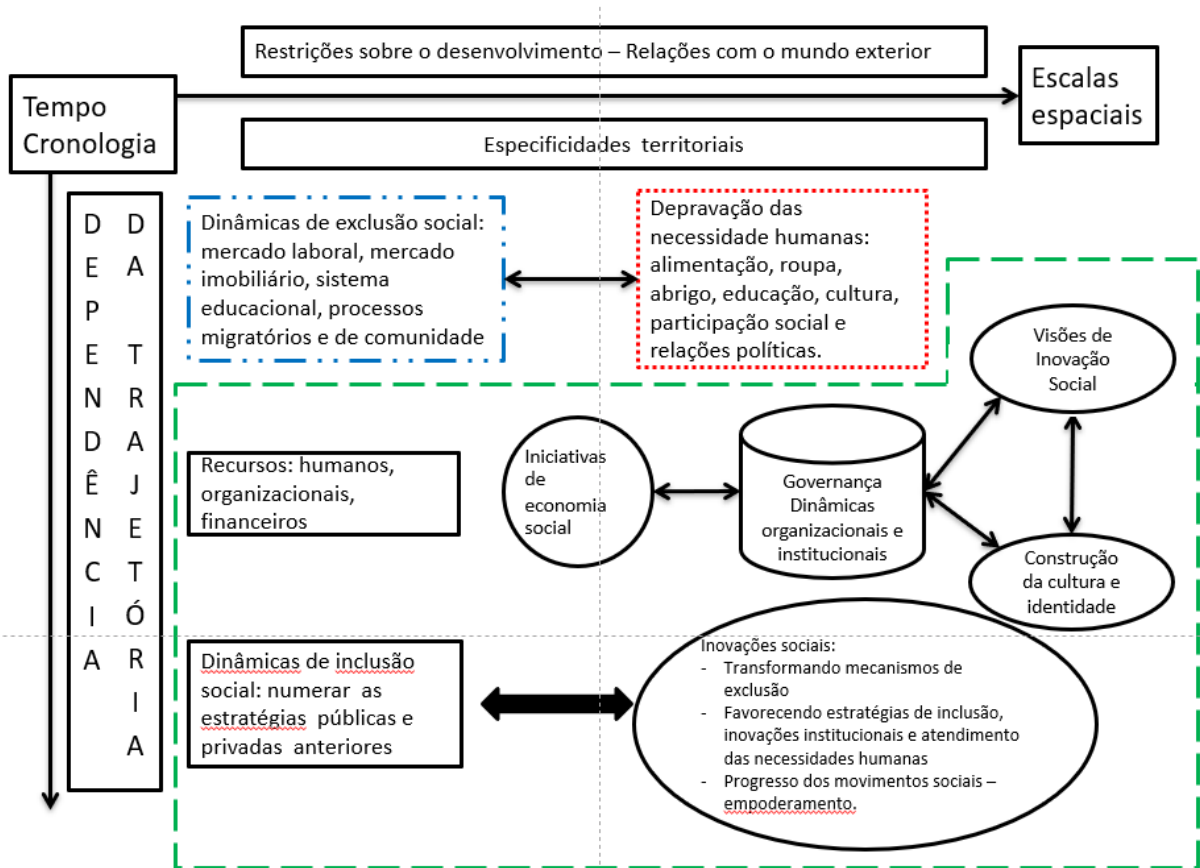
Um dos principais autores no debate sobre inovação social e desenvolvimento local é Frank Moulaert, que junto com outros pesquisadores (GONZALEZ; HEALEY, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005), dedicou anos de pesquisa na compreensão da inovação social e do desenvolvimento local. Depois de quatro anos de trabalhos liderados por ele no grupo *Social Innovation, Governance and Community Building* – SINGOCOM, surge um Modelo Alternativo de Inovação Local – ALMOLIN (Alternative Models of Local Innovation como “um dispositivo heurístico para analisar modelos alternativos de estratégias inovadoras locais” (EUROPEAN COMMUNITIES, 2007, p. 21).

O ALMOLIN possui caráter interdisciplinar pois é resultado da reflexão sobre teorias de diversas áreas do conhecimento. Assim, o grupo de estudo partiu do Modelo de Desenvolvimento Territorial Integrado (Integrated Area Development - IAD), que é uma junção de três teorias: Teoria dos Regimes Urbanos, Teoria da Regulação, Teoria da Economia Política Cultural. Ainda, foram somadas as Teorias da Geografia Relacional e da Política Escalar (MOULAERT et al., 2005; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014). Como resultado da pesquisa, a Figura 2 representa os elementos de inovação social e suas interações numa visão ALMOLIN.

Assim, o ALMOLIN traz uma perspectiva holística, dispondo os elementos da inovação social baixo a influência de dois eixos: tempo e espaço. Ou seja, o modelo considera uma perspectiva histórica e a influência da escala espacial (bairro, cidade, região, território) para compreender as dinâmicas da inovação social (MOULAERT et al., 2005). É importante destacar que, no eixo temporal, os componentes estruturais (modelo neoliberal ou de bem-estar) e institucionais (iniciativas público-privadas, estatais ou privadas) estão inclusos na Dependência da Trajetória (Path Dependency).

Dentro desse contexto (tempo e espaço), o modelo apresenta três dimensões de inovação social, que interagem com frequência: (1) Dimensão de Conteúdo e Produto - satisfação das necessidades humanas não atendidas via mercado (.....); (2) Dimensão de Processo - mudanças nas relações sociais e de governança que promovam a inclusão social (-.-.-); e 3) Dimensão de Empoderamento – onde o acesso as dimensões (1) e (2) geram capacidades nos sujeitos alterando as relações de poder (- - -) (EUROPEAN COMMUNITIES, 2007; MOULAERT et al., 2005).

Figura 2 - Dinâmicas de inclusão-exclusão social e inovação social



Fonte: Mouaert et. al (2005, p. 1982) – Cores adaptadas e tradução pela autora.

Com base nisso, pode se dizer que a inovação social proposta pelo SINGOCOM, (i) é dependente da trajetória e do contexto do local; (ii) é

principalmente uma inovação de processo, no que se refere as dinâmicas das relações sociais; (iii) é relacionada a inclusão social e a superação das forças coercivas hegemônicas; e (iv) é permeada por uma posição ética de justiça social (MOULAERT et al., 2005). Assim, a visão ALMOLIN para a inovação social é capaz de propiciar aprendizados sobre inclusão urbana e empoderamento cidadão, o papel da governança, cidades como laboratórios vivos, a institucionalização da inovação social, mediação entre os objetivos sociais e os meios sociais, etc. Estes aprendizados estão presentes nos restantes dos artigos revisados.

Um dos principais conceitos levantados pelos autores que estudam o desenvolvimento local é o da governança. Este conceito está presente em quase todos os artigos lidos e, na mesma edição especial onde Moulaert et. al (2005) apresentam o ALMOLIN, outros quatro artigos discutem o conceito (GONZALEZ; HEALEY, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005). A governança surge como uma força capaz de combater a crise do Estado de Bem Estar Social e as forças coercitivas da exclusão social (LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; SWYNGEDOUW, 2005).

Os projetos ou movimentos que desejam o desenvolvimento local devem considerar uma colaboração entre Estado – Sociedade Civil – Setor Privado e apoiar as iniciativas lideradas pela própria comunidade (MOULAERT; MEHMOOD, 2010; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014). Então estes novos arranjos sociais de governança participativa, são “horizontais, interligados e baseados em relações interativas entre atores independentes e interdependentes que compartilham um alto grau de confiança, apesar dos conflitos internos e de agendas opostas, dentro de instituições participativas ou associações inclusivas” (SWYNGEDOUW, 2005, p. 1995). Nesse sentido, a sociedade civil cumpre um papel protagonista para a inovação social, pois se torna o agente central onde a ação transformadora emerge e onde as relações de poder social são contestadas e combatidas, e deve ser entendida como dependentemente das relações entre poder político (acesso ao controle) e poder econômico (acesso aos recursos) (LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; MOULAERT et al., 2005; SWYNGEDOUW, 2005).

Apesar disso, é importante ter cuidado com as contradições percebidas em ambientes que dizem seguir políticas de governança. Muitos casos de inovação social no contexto europeu, tanto iniciativas *grassroot* quanto as promovidas pelo Estado, mostraram que a institucionalização destas iniciativas as levaram a entrar na lógica de mercado dominante e se distanciar do seu caráter transgressor (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; EIZAGUIRRE et al., 2012; HEALEY, 2009; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014; NOVY; HAMMER, 2007; NOVY; LEUBOLT, 2005; PARÉS; BONET-MARTÍ; MARTÍ-COSTA, 2012; SWYNGEDOUW, 2005; TAŞAN-KOK, 2010). Então, modos de governança pré-definidos, planejados e coordenados podem se dissolver se a sociedade civil não for capaz de transformar as instituições dominantes (NOVY; LEUBOLT, 2005; TAŞAN-KOK, 2010).

A constituição de uma governança participativa, por sua vez, é fortemente relacionada com o contexto local: “elementos estruturais prévios como a posição dos bairros dentro do sistema urbano, a disponibilidade e as características do capital social local, ou a existência de conflitos sociais anteriores na área” (PARÉS; BONET-MARTÍ; MARTÍ-COSTA, 2012, p. 265). Nesse sentido, outros dois elementos recorrentes e interligados na literatura de estudos de desenvolvimento local são o espaço (físico e social) e tempo (cronologia e de trajetória da dependência).

Na geografia, o fracasso do modelo de economia de bem-estar social e a transformação da sociedade alteraram os conceitos geográficos. Dessa forma, o espaço passa a ser entendido como uma construção social que integra a justiça social e política numa determinada área geográfica (HEALEY, 2009; MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005). Esses contextos espaciais tomam a forma de cidades, bairros, povoados ou áreas rurais que constituem “espaços sociais para a inovação” e se incorporam num sistema de inovação (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012). Como se vê em Membretti (2007), o espaço é importante, pois articula dimensões nas quais “diferentes serviços são fornecidos e misturados, produzindo importantes “contaminações” entre diferentes necessidades e pessoas diferentes” (MEMBRETTI, 2007, p. 255).

Por sua vez, Moulaert e Nussbaumer (2005) defendem que uma visão menos instrumental para a inovação social, desta forma introduzem o conceito de comunidade como essencial para entender o espaço. Assim, “elementos específicos (situação geográfica, características socioeconômicas, etnia), bem como elementos simbólicos (religião, valores, identidade, direitos), podem fazer parte do conceito de comunidade” (MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005, p. 49). Uma visão instrumentista da inovação social e dos espaços explica porque iniciativas *top-down* de desenvolvimento local não são inovadoras e apenas reproduzem o *mainstream*, sendo falsamente inclusivas (HEALEY, 2009; MEMBRETTI, 2007).

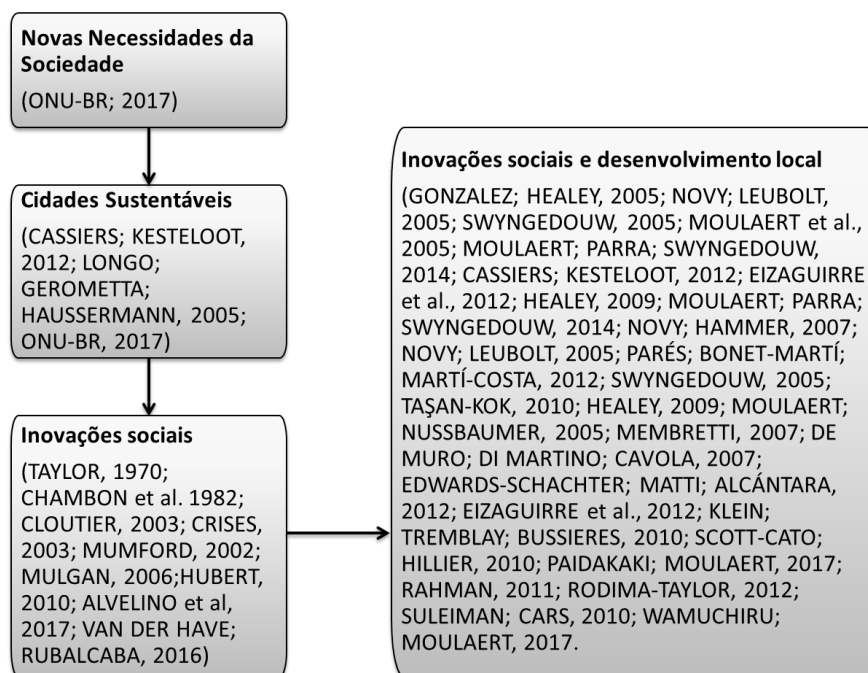
Com exceção de Tasan-Kok (2010), os demais artigos com estudos de caso foram realizados em ambientes urbanos. A cidade se estabelece como um terreno fértil para identificar os conflitos sociais ao mesmo tempo, em que são lugares de inovação nas relações e instituições de governança e são as principais arenas dos movimentos sociais e outros experimentos sociais da sociedade civil (LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005). Em outras palavras, a procura por coesão social e o combate à exclusão social, eleva o conceito de cidade ao de um território político e uma arena de conflito político (CASSIERS; KESTELOOT, 2012).

Por fim, outro tema comum na literatura é a vulnerabilidade das comunidades onde as iniciativas de inovação social ocorrem. A vulnerabilidade, neste contexto, é interpretada, como a escassez de produtos (necessidades básicas do ser humano) e das capacidades que o acesso a eles produz (empoderamento). Sobre as necessidades básicas podemos distinguir entre alimentos, moradia e roupas, que representam necessidades privadas; e educação, cultura, segurança, transporte, saúde, etc., que são necessidades coletivas, uma vez que estão enraizadas na vida da comunidade e têm uma dimensão social (MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005). Por outro lado, o empoderamento conversa com a busca da justiça social e da eliminação da exclusão social, já que muitas vezes, o objetivo das iniciativas dos cidadãos não é apenas obter recursos materiais, mas também é redefinir normas e valores que os enraízam na exclusão, reivindicando uma noção de cidadania contra-hegemônica (CASSIERS; KESTELOOT, 2012; DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA,

2007; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; EIZAGUIRRE et al., 2012; KLEIN; TREMBLAY; BUSSIERES, 2010; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010).

Vale destacar também que, dentre os textos selecionados, a maioria deles discutem casos europeus. Porém os estudos que descrevem a conjuntura de países em desenvolvimento agregam valor ao destacar como as inovações sociais auxiliam na superação do baixo desenvolvimento que esses países enfrentam, no enfrentamento das mudanças climáticas e na resiliência frente à exclusão social (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; NOVY; LEUBOLT, 2005; PAIDAKAKI; MOULAERT, 2017; RAHMAN, 2011; RODIMA-TAYLOR, 2012; SULEIMAN; CARS, 2010; WAMUCHIRU; MOULAERT, 2017). A pouca participação de casos de países em desenvolvimento nos estudos levantados salienta a necessidade de se aprofundar nestes contextos mais vulneráveis. Com o objetivo de sumarizar a lógica construída para esquematizar a revisão de literatura apresentada acima, a Figura 3 mostra os temas e autores que guiaram esta pesquisa.

Figura 3 - Temas e autores abordados na pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

3 MÉTODO DE PESQUISA

Neste capítulo, estão descritos os procedimentos metodológicos que foram utilizados em cada uma das etapas desta pesquisa. Primeiramente, será apresentada a classificação deste estudo, justificando a escolha do método e o desenho de pesquisa que guiou o trabalho. Em seguida, justifica-se a escolha e se faz a contextualização do caso de estudo. Finalmente, descrevem-se as técnicas que foram adotadas para a coleta e análise dos dados.

3.1 CLASSIFICAÇÃO E DESENHO DE PESQUISA

Como ficou evidenciado na revisão da literatura, a inovação social e sua influência nos locais onde ela ocorre é um fenômeno complexo e um campo rico em *insights* para as ciências sociais. As pesquisas qualitativas, em todos seus enfoques, “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1995, p. 22).

Isso aliado à questão principal de pesquisa deste estudo justifica a escolha pela abordagem qualitativa. Por isso, esta pesquisa segue as seguintes características: (i) o objetivo é a captação e reconstrução de significado; (ii) a linguagem é basicamente conceitual e metafórica; (iii) a forma de captar a informação não é estruturada e sim é flexível e desestruturada; (iv) o procedimento é mais indutivo que dedutivo; e (v) a orientação não é particularista e generalista, mas sim holística e concretizadora (OLABUÉNAGA, 1996).

Durante a revisão da literatura, notou-se que há uma predominância de estudos de casos (únicos e múltiplos) nas pesquisas de inovação social e desenvolvimento local (MEMBRETTI; 2007, DE MURO; 2007, NOVY; 2005), o que indica haver espaço para compreender melhor os significados sociais deste campo através de outros métodos de pesquisa. Além disso, esta pesquisa tem caráter

indutivo e contextual, ou seja, a revisão teórica cumpre dois papéis fundamentais: (1) ser uma base para a formulação da questão de pesquisa e (2) ser mais uma fonte de coleta de dados.

Como sugerido por Petrini e Pozzebon (2010), entendeu-se que para garantir a qualidade desta pesquisa, não se partiria de um modelo constituído na literatura para após validar sua questão de pesquisa e, sim, que a natureza complexa do campo seria a principal geradora dos *insights* capazes de responder a questão de pesquisa. Desta forma, esta pesquisa segue o método de pesquisa chamado *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados.

A *Grounded Theory* é um método de pesquisa qualitativa desenvolvido originalmente por Barney Glaser e Anselm Strauss na década de 1960 como uma forma de ampliar a visão do pesquisador de forma que ele não se limite a uma abordagem teórica preconcebida (Glaser e Strauss, 1967)

Alguns componentes da *Grounded Theory* propostas por Glaser e Strauss (1967) são:

- Envolvimento simultâneo entre coleta de dados e análises;
- Construção de códigos e categorias a partir dos dados e não a partir de hipóteses dedutivas preconcebidas,
- Uso constante do método comparativo, o que significa realizar comparações durante cada estágio da análise;
- Avançar o desenvolvimento da teoria substantiva durante cada etapa da coleta de dados e análise;
- Escrever memorandos para elaborar as categorias, especificando suas propriedades, definindo suas relações e lacunas;
- A amostragem é orientada para a construção da teoria substantiva e não para a representação da população;
- Realizar a revisão da literatura depois de ter feito uma análise independente.

Ao longo dos anos, a *Grounded Theory* foi sendo modificada e hoje são identificadas duas grandes correntes derivadas dos dois autores seminais: a

Straussiana, que equilibra melhor os dados e a teoria formal existente, e a Glasseriana, que é mais radical no foco nos dados como fonte geradora da teoria substantiva. No Quadro 1, é possível identificar as principais diferenças entre as duas correntes.

Quadro 1 – Diferenças entre as correntes de *Grounded Theory*

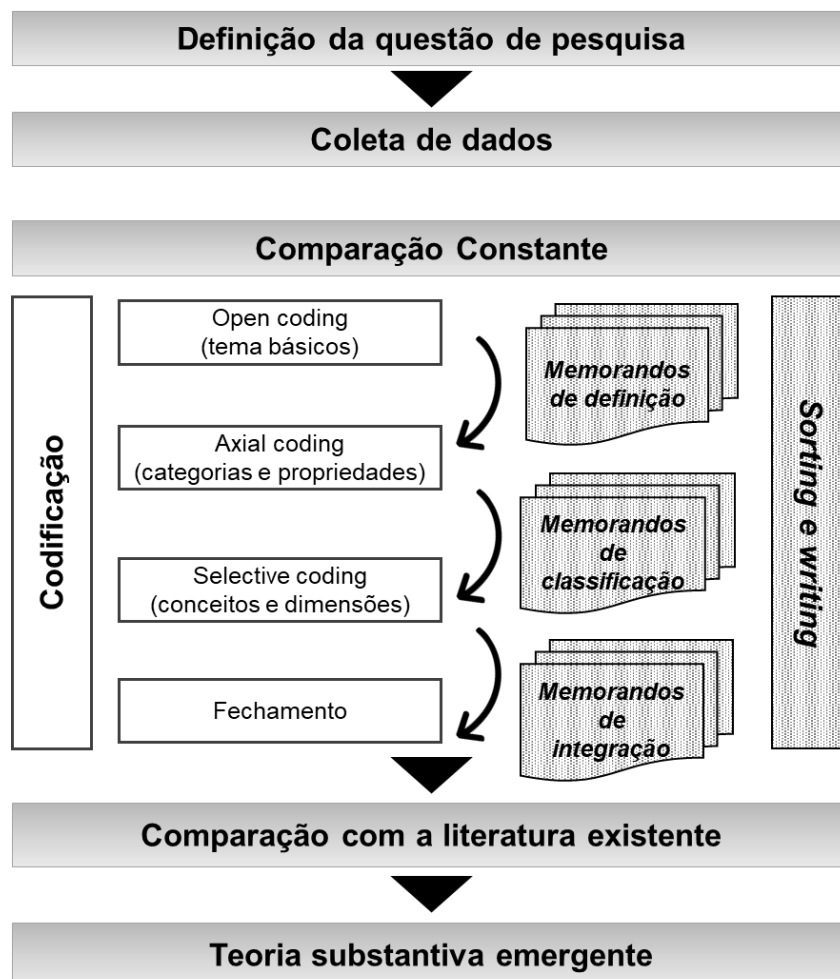
Amostragem	Glasseriana	Straussiana
Abordagem	Foco nos dados.	Balanço entre dados e teoria formal.
Uso da Teoria Prévia	Somente ao final.	Em todas as etapas.
Ênfase	Na experiência do pesquisador (importância dos valores do pesquisador, poucas citações, sensibilidade teórica, etc).	Ênfases na prática (conclusões com base em observações., fala dos entrevistados, citações, etc)
Codificação	Há menos formalização da fase de codificação. É um processo criativo.	Existe uma taxonomia para fase de codificação. É mais rigorosa.
Modelo	Não gera um modelo causal amplo.	Cria um modelo causal amplo (contexto, consequências, interação, etc).
Características comuns	<ul style="list-style-type: none"> • Método de Análise comparativa constante • Uso de Memorados e Amostragem teórica • Confronto entre Teoria substantiva x teoria formal 	

Fonte: Cunha (2018), Glasser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (2008).

Para esta pesquisa, foi seguida a corrente Straussiana. Desta forma, tendo definido o tema da pesquisa e sua questão principal, a aplicação do *Grounded Theory* se inicia através da coleta de dados (*data collection*) em suas mais diversas formas. Depois disso, é possível iniciar a etapa de comparação constante (*constant comparison*) que nada mais é do que o codificar os dados (*coding*) ao mesmo tempo em que faz conclusões sobre eles (*memos*). É importante deixar claro que, diferente de outros métodos, na *Grounded Theory*, a coleta de dados e a análise através de comparação constante acontecem de forma simultânea. Ao finalizar esta etapa, será possível construir uma teoria substantiva emergente dos dados

(CHARMAZ, 2006; GLASER E STRAUSS, 1967). Esta pesquisa seguiu os passos evidenciados na Figura 4.

Figura 4 - Passos para execução do *Grounded Theory*



Fonte: elaborada pela autora (2019)

3.2 SELEÇÃO DO CASO

A Associação Cultural Vila Flores - ACVF é uma associação sem fins lucrativos que carrega o nome do conjunto arquitetônico onde está situado. Para fins desta pesquisa, será utilizado o mesmo nome empregado pelos frequentadores e gestores da associação. Assim, a ACVF é referenciada neste estudo como “o Vila Flores”.

A constituição do Vila Flores no formato existente nasce através da retomada patrimonial pelos proprietários, a família Wallig, no início da década de 2010, já que os prédios se encontravam em situação de abandono e sobre ocupação ilegal. Desde a remoção dos moradores ilegais, o Vila Flores tem sofrido diferentes intervenções arquitetônicas com o objetivo de tornar um espaço seguro e totalmente ocupado, sem perder suas características arquitetônicas de 1925. O Vila Flores foi projetado pelo arquiteto alemão Joseph Lutzenberger, responsável por outros prédios icônicos da cidade de Porto Alegre, e é composto por três prédios e um grande pátio central que integra o conjunto. Apesar de estar sempre em transformação e do projeto arquitetônico estar ainda em andamento, desde 2013 o espaço serve como local para a realização de atividades socioculturais, espaço de trabalho de dezenas de artistas e empreendedores criativos, chamados por eles mesmos de “residentes” ou “vileiros”. Nesta pesquisa eles serão referenciados como “vileiros” a partir de agora.

O Vila Flores se reconhece como uma “entidade responsável pela programação cultural do espaço e pela articulação junto ao poder público, à iniciativa privada e à sociedade em prol dos interesses da comunidade artística e criativa do Vila Flores, buscando promover a integração com a comunidade do entorno” (VILA FLORES, 2019). Além disso, possui quatro eixos norteadores de suas atividades (i) Arte e Cultura – Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Música, entre outros; (ii) Educação – cursos, oficinas, seminários e encontros para troca de conhecimentos e experiências; (iii) Empreendedorismo – incentivo aos produtores locais e iniciativas que fazem a conexão entre negócios criativos, sociais e colaborativos; e (iv)

Arquitetura e Urbanismo – fomento ao debate sobre questões urbanas e promoção de atividades para a concretização de projetos cujo objetivo é a melhoria da vida na cidade.

Sobre o território do Vila Flores é importante entender que ele está localizado na Rua São Carlos esquina com a Rua Hoffmann, no bairro Floresta, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul). A cidade de Porto Alegre já foi alvo de estudos em inovação social por possuir um histórico de implementação de atividades do tipo, por exemplo o Orçamento Participativo Municipal, onde a sociedade civil define os critérios e as prioridades de distribuição do orçamento da cidade (NOVY; 2005). Atualmente, a cidade passa por um período de deterioração como consequência da crise política e fiscal que atinge o governo estadual e também o governo municipal.

O bairro Floresta, por sua vez, tem histórico industrial e operário e por ele passam três vias principais da cidade: Av. Farrapos, Av. Cristóvão Colombo e Av. Voluntários da Pátria. Os limites invisíveis, mas existentes, destas vias destacam o caráter conflituoso que possui o bairro: por um lado prostituição, tráfico de drogas, ocupações informais; enquanto que pelo outro lado, vemos o comércio tradicional de rua, grandes empreendimentos comerciais e apartamentos residenciais de luxo. Para ilustrar, a Figura 5 localiza o Vila Flores e o seu entorno. No ANEXO A é possível ver fotos dos prédios do Vila Flores.

Figura 5 - Mapa da localização do Vila Flores e entorno



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Desta forma, o contexto acima forneceu evidências iniciais para poder encaixar o Vila Flores como uma inovação social dentro dos critérios sugeridos por Moulaert et al. (2005). O Quadro 2 resume essas evidências iniciais associadas às dimensões do ALMOLIN. Para completar essas evidências, a pesquisadora iniciou o trabalho de campo antes da fase formal de coleta de dados, visitando o Vila Flores, participando e observando eventos promovidos por ele e finalmente conversando informalmente com a gestora cultural da associação em março de 2018. Esta fase

exploratória, principalmente a conversa com a gestora cultural, foi importante para o andamento da pesquisa pois forneceu robustez a escolha do Vila Flores como caso de estudo, facilitou a construção de um roteiro inicial de entrevista ao mesmo tempo que abriu o contato com futuros entrevistados.

Quadro 2 – Evidências iniciais do caso associadas às dimensões do ALMOLIN

Dimensões ALMOLIN	Evidências
Path dependency	Crise econômica e política da cidade; Porto Alegre cidade inovadora social - Orçamento Participativo
Especificidades espaciais	Bairro Floresta como bairro em conflito
Conteúdo e Produto	Acesso a arte e cultura; Promove o empreendedorismo
Processo	Melhoria da vida da cidade; Inclusão da Vila dos Papeleiros
Empoderamento	Fomento a discussão das questões urbanas e de educação; Integração com outros agentes sociais (ONGs, Prefeitura; Governo do Estado; etc)

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

3.3 COLETA DE DADOS

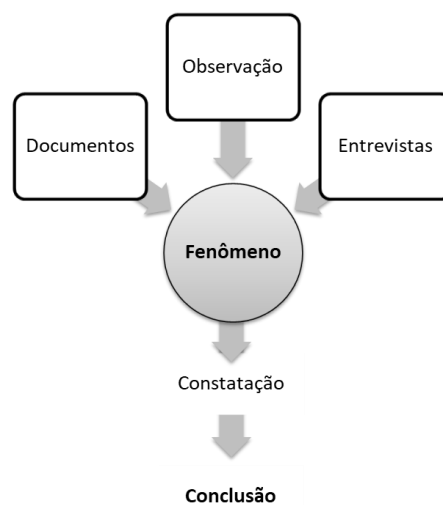
Como sugerido por Yin (2005), para garantir a confiabilidade do estudo qualitativo é importante seguir três princípios essenciais de coleta de dados: (i) utilizar várias fontes de evidências (Triangulação); (ii) criar um banco de dados para o estudo (Banco de dados); e (iii) manter o encadeamento de evidências (Protocolos). Sendo assim, a descrição da coleta de dados seguiu a estrutura dos três princípios, além de uma subseção específica para expor os critérios de seleção dos entrevistados.

3.3.1 Triangulação

A triangulação é definida como uma técnica que combina dados adicionais para ampliar as conclusões feitas pelo pesquisador, adotando diferentes visões para esclarecer o significado interpretado (STAKE, 2005; STAKE, 2011). Já para Yin (2005), a triangulação é um fundamento lógico de utilização de várias fontes de

evidência. Então, a fim de atender a triangulação nas técnicas de coleta de dados, nesta pesquisa foram aplicadas três técnicas de coleta de dados, como exemplificado na Figura 6: análise de documentos, observação participante e não participante e entrevistas semi-estruturadas.

Figura 6 - Triangulação de coleta de dados



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A coleta de dados em documentos ajuda a compreender o contexto do tema e do caso, assim como permite identificar a autodescrição do Vila Flores como instituição. Como documentos podem ser considerados memorandos, minutas de reunião, vídeo, documentos administrativos e institucionais, outros estudos sobre o caso e artigos de jornais (YIN; 2005). Nesse sentido, os documentos foram indicados e fornecidos voluntariamente pelos entrevistados após a entrevista. De todos os materiais, pela sua robustez e afinidade com o método de pesquisa, foram selecionados os documentos em forma de vídeo listados na Quadro 3.

Quadro 3 – Documentos analisados

Nome do Documento	Link de Acesso
WEBDOC - Vila Flores Território e Memória	https://vimeo.com/303764331 https://vimeo.com/303765097 https://vimeo.com/303766049 https://vimeo.com/303809255
ÉTAPE #5 BRÉSIL : Vila Flores, quand un espace privé devient une agora moderne pour la ville	https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/553135535186041/
ITW #5 Antonia Wallig & Joao Felipe Wallig Co-fundateurs de Vila Flores Co-fundadores da Vila	https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/298123627538055/
PROJETO SKATE NA VILA	https://www.instagram.com/p/BtmELTKFyuL/?utm_source=ig_web_button_share_sheet
Vila Flores - Institucional	https://vimeo.com/242759726

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A observação em pesquisas qualitativas é comum e essencial para a pesquisa, pois permite captar informações através da aplicação de sentidos humanos e complementar os dados coletados por outras técnicas (GIL, 2010). Nesta pesquisa será realizada a observação pública (os atores observados estarão cientes da presença e da motivação da pesquisadora) e não participante (a pesquisadora se absterá de intervenções no campo observado). Assim, a observação foi realizada em dois ambientes diferentes (i) eventos promovidos pelo Vila Flores e (ii) visitas ao Vila Flores e ao bairro. Após cada observação, foram realizadas notas de campo com os principais fatos, sensações e *insights*.

As entrevistas semi-estruturadas representam a principal fonte de coleta de dados desta pesquisa, já que o ponto de vista dos entrevistados é melhor expresso em situações de entrevistas mais flexíveis (em relação à aplicação, linguagem e vocabulário) do que em ambientes estritamente planejados (entrevistas padronizadas ou questionários) (SOMMER E SOMMER, 2002). Após o agendamento prévio, as entrevistas ocorreram de forma presencial com membros do Vila Flores e da comunidade com o auxílio de um protocolo de pesquisa durante novembro de 2018 e fevereiro de 2019. As entrevistas foram aplicadas de forma flexível como sugere Strauss e Corbin (2008), ou seja, a questões das entrevistas partiram de um questionário inicial e foram adaptadas para deixar o entrevistado mais confortável para expressar sua opinião ao mesmo tempo em que se garantia o detalhamento suficiente. A saturação do número de entrevistas ocorreu quando não surgiram novas evidências e estas passaram a apresentar conteúdo repetido. Além disso, foi solicitada a permissão para gravar as entrevistas, que foram transcritas posteriormente.

Então, para garantir um olhar mais sistêmico, que considere as diferentes percepções dos atores envolvidos na inovação social, nesta pesquisa também foi realizada a triangulação de entrevistados. Os critérios e métodos de seleção dos entrevistados serão descritos na subseção a seguir.

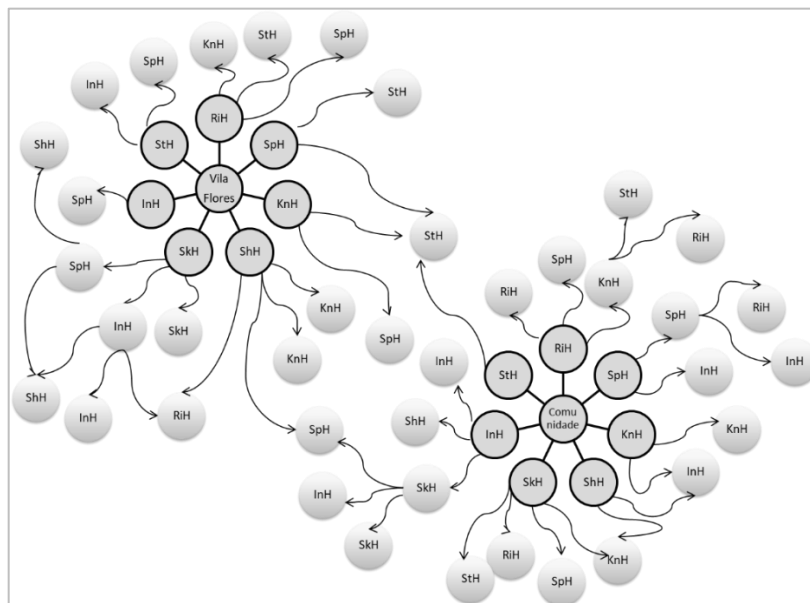
3.3.2 Critérios de seleção de entrevistados

Assim como sugere Swyngedouw (2005), os sistemas de governança além do Estado, são “horizontais, interligados e baseados em relações interativas entre atores independentes e interdependentes que compartilham um alto grau de confiança, apesar de conflitos internos e agendas de oposição, dentro de associações institucionais ou organizacionais participativas inclusivas” (SWYNGEDOUW; 2005, 1995). Assim, os critérios de seleção obedeceram a proposta amplificada de *stakeholders* de Schmitter (2000 apud SWYNGEDOUW, 2005), apresentada no Quadro 2. Esta classificação será utilizada para orientar a

pesquisa no sentido de identificar os diferentes perfis de indicados na técnica de seleção de amostra bola de neve.

Para identificar os respondentes dentro dos atores de Schmitter (2000), será utilizada a técnica de amostragem *snowball* ou Bola de Neve, que é utilizada tanto nas pesquisas qualitativas quanto nas quantitativas, mesmo que na última é menos comum dada a necessidade de amostras maiores (COHEN; ARIELI, 2011). Como seu próprio nome sugere, é uma técnica de amostragem não probabilística onde os entrevistados iniciais indicam novos participantes da sua rede de conhecidos que se enquadrem dentro do objetivo da pesquisa, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de entrevistados pode crescer a cada entrevista (VINUTO, 2014). Inicialmente, são levantados documentos e informações que possam indicar quem serão os informantes-chave, chamados de *sementes* (VINUTO, 2014). O processo de seleção de entrevistados fica evidente na Figura 7. Esta classificação também foi utilizada na análise dos dados, buscando evidências a partir das diferentes visões e posições dos atores. Como fica evidente nos Quadros 4 e 5, não foram selecionados *holders* da classificação *right-holders*, *knowledge-holders* e *status holders*, por inexistirem no contexto analisado.

Figura 7 – Processo desenhado de seleção de entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Quadro 4 – Matriz de Schmitter de definições de "holders"

Atores	Descrição
Right-holders	participam porque são membros de uma comunidade política nacional
Space-holders	participam porque vivem em algum lugar afetado pela política
Knowledge-holders	participam porque têm um conhecimento particular sobre o assunto em questão
Share-holders	porque possuem parte dos ativos que serão afetados
Stake-holders	participam porque, a pesar da sua localização ou nacionalidade, podem ser afetados pelas políticas
Interest-holders	participam em nome de outras pessoas porque entendem as questões
Status-holders	participam em nome de outras pessoas porque recebem das autoridades um papel representativo específico

Fonte: Schmitter (2000 *apud* SWYNGEDOUW, 2005)

Além disso, esta técnica tem se mostrado útil para estudar comunidades em conflito, marginalizadas ou de difícil acesso (COHEN; ARIELI, 2011; VINUTO, 2014). “As razões para sua relativa inacessibilidade são variadas e podem incluir status político e social (e.g. altas figuras governamentais), obstáculos técnicos ou burocráticos (e.g. prisioneiros libertados), ou grupos sociais fechados (e.g. gangues)” (COHEN; ARIELI, 2011, p. 427). Já, Vinuto (2014), complementa os exemplos de comunidade inacessíveis ao descrevê-las como aquelas que “contêm poucos membros e que estão espalhados por uma grande área; os estigmatizados e reclusos; e os membros de um grupo de elite que não se preocupam com a necessidade de dados do pesquisador” (VINUTO, 2014, p. 204). Nesse sentido, o Vila Flores e, mas principalmente, a comunidade onde está inserida, pode ser considerada uma comunidade reclusa e marginalizada, por tanto, a utilização deste tipo de amostragem se torna efetiva.

O Quadro 5 lista as entrevistas realizadas, classificando cada uma pela definição de Schmitter (2000 *apud* SWYNGEDOUW, 2005) e dos atores da inovação social (que serão descritos no capítulo de resultados). Além disso, o quadro codifica cada entrevista para facilitar a citação das falas dos entrevistados e demonstra o tempo de duração aproximado da entrevista.

Quadro 5 – Entrevistas realizadas

Classificação segundo Schmitter (2000 apud SWYNGEDOUW, 2005)	Atores da Inovação Social	Código	Duração aprox.
<i>Share holders</i>	Protagonistas	PRO1	01h 30min
<i>Share holders</i>	Protagonistas	PRO2	07 min
<i>Share holders</i>	Protagonistas	PRO3	20 min
<i>Share holders</i>	Protagonistas	PRO4	40 min
<i>Share holders</i>	Parceiro Estratégico	PAR1	30 min
<i>Interest holders</i>	Parceiro Estratégico	PAR2	40 min
<i>Interest holders</i>	Parceiro Estratégico	PAR3	20 min
<i>Space holders</i>	Comunidade local	COM1	20 min
<i>Space holders</i>	Comunidade local	COM2	20 min
<i>Space holders</i>	Comunidade local	COM3	15 min

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

3.3.3 Banco de dados

A formação de um banco de dados formal em pesquisas de estudo de caso é uma das principais deficiências desta estratégia de coleta (YIN; 2005). Para mitigar isso, esta pesquisa armazenará a maior parte dos documentos em formato digital. Além disso, foi criado um diário de campo para anotar informações e constatações durante a análise dos documentos e as observações participantes e não participante. Este diário de campo foi redigido a mão. Finalmente, as entrevistas foram armazenadas em áudio e transcritas.

3.3.4 Protocolos

Os protocolos expostos a seguir são documentos e procedimentos que permitem esclarecer as escolhas que foram e que serão feitas durante o processo de pesquisa, elucidando as técnicas a serem adotadas na coleta e análise de dados (GIL, 2010). Desta forma, foi desenvolvido um roteiro prévio de entrevista que norteou a condução das entrevistas presenciais. Sua organização foi estruturada buscando responder os cinco objetivos específicos desta pesquisa e compreendeu três questões gerais:

1. Você conhece a história do Vila Flores? Descreva
2. Que tipo de pessoas frequentam o Vila Flores? Em quais momentos?
3. Desde que o Vila Flores surgiu, você acha que algo mudou no entorno ou na cidade?

Ressalta-se que algumas perguntas foram adaptadas, por exemplo, no caso dos “vileiros” adicionou-se uma pergunta inicial para descrever a iniciativa e ajudar na contextualização do Vila Flores. Assim, a pesquisadora usou da flexibilidade e criatividade para avaliar, no momento da realização da entrevista, aquelas perguntas que devem ser realizadas para garantir a resposta à pergunta inicial e o detalhamento de informações relevantes. Como forma de garantir a ética e transparência do processo de pesquisa, cada entrevistado teve o objetivo da pesquisa introduzido pela pesquisadora e foi garantido o consentimento oral do entrevistado para a gravação da entrevista.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

A técnica de análise de dados utilizada neste estudo se baseia principalmente na execução da etapa de comparação constante, que é a essência do *Grounded Theory* (STRAUSS E CORBIN, 2008) e se divide em dois grandes blocos: (1) a codificação e (2) *sorting* e *writing* como mostra a Figura 4. Estes dois blocos são executados de forma intercalada, ou seja, os dados são codificados para depois registrar os *insights* ou proposições teóricas que surgem em forma de memorandos, repetindo este ciclo até a construção da teoria substantiva.

A codificação tem como objetivo identificar características semelhantes entre elementos que surgem na coleta de dados. A etapa de *Open Coding* procura identificar os grandes temas comuns nos dados. A primeira forma de codificação é essencial pois gera as primeiras conclusões que permitem direcionar o restante das entrevistas. Este processo de coleta de dados é chamado de Amostragem Teórica (*theoretical sampling*) (STRAUSS E CORBIN, 2008; PETRINI E POZZEBON, 2010), que é um processo de coleta de dados onde o pesquisador coleta, codifica e analisa os dados e decide

quais dados serão os próximos a serem coletados, podendo as vezes voltar para o entrevistado original ou confirmar suas conclusões por meio de triangulação. Nesta pesquisa, optou-se por não retornar ao entrevistado original e sim descobrir variações e confirmações das propriedades das categorias através de novas entrevistas e da análise de documentos.

Após a realização desta etapa, foram registradas as principais propriedades (características) e dimensões (variação das características) em memorandos. Os memorandos são o registro formal das ideias e insights que surgem quando o pesquisador está identificando os temas. Estes memorandos de descrição originam o segundo tipo de codificação, a *Axial Coding*. A *Axial Coding* consiste em delimitar os dados em categorias (conceitos que descrevem o fenômeno) e subcategorias (conceitos que especificam a categoria) (STRAUSS E CORBIN, 2008).

Mais uma vez, se repete a escrita de ideias e *insights* em memorandos, mas que desta vez tem o objetivo de identificar as relações entre as categorias. Estes memorandos de classificação permitem a realização da última forma de codificação, a *Selective Coding*. Esta etapa da codificação integra os dados que estavam fragmentados e refina a teoria substantiva emergente e é conhecido como *sorting*. O produto do refinamento foi registrado mais uma vez em memorandos de integração e levou a última fase da codificação, que é o Fechamento

O fechamento também é conhecido como etapa de *writing* e nada mais é do que a consequência do refinamento dos pensamentos lógicos que afunilaram os dados e permitiram conclusões teóricas. Por fim, o produto do Fechamento passou pela comparação com a literatura existente. Nesta pesquisa, optou-se por comparar principalmente com o modelo ALMOLIN descrito em detalhe na Revisão da Literatura. Esta escolha se deveu a ser o modelo mais robusto encontrado para explicar a inovação social dentro de um contexto de desenvolvimento local.

Esgotadas as discussões referentes à metodologia adotada nesta dissertação, faz-se necessário então iniciar a discussão relativa à análise dos resultados. Assim, o próximo capítulo tem por objetivo apresentar os elementos de

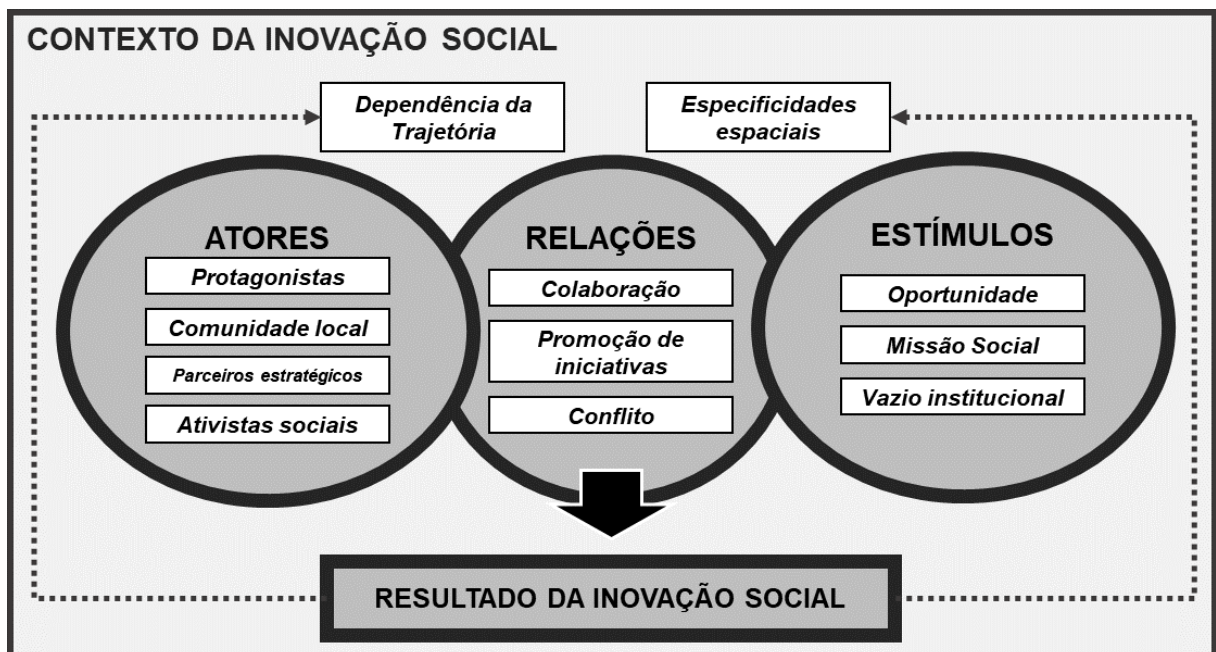
inovação social identificados a partir do campo. Os resultados da análise serão descritos na sessão seguinte.

4 RESULTADOS

Como a teoria substantiva gerada nesta pesquisa deve ser capaz de compreender como a inovação social promove o desenvolvimento no local onde ocorre através da compreensão do contexto e da identificação dos atores envolvidos no processo, das formas de relação entre os atores e dos resultados destas interações, neste capítulo, serão descritos os principais elementos que emergiram do campo e se consolidaram ao longo do processo de análise. Estes elementos compõem as categorias e propriedades do modelo desenhado na Figura 8 que representa o resultado principal deste estudo e serve como mecanismo de compreensão de um fenômeno de inovação social com foco em desenvolvimento social.

Para isso, foram utilizados como principal fonte de dados os memorandos escritos durante o processo de análise de dados. Para evidenciar as propriedades, características e dimensões de cada categoria, julgou-se relevante incorporar ao texto falas dos entrevistados e fotos tiradas na comunidade local.

Figura 8 – Modelo Dinâmico de compreensão da Inovação Social e Desenvolvimento Local



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A Figura 8 é um modelo dinâmico composto por cinco categorias: (i) contexto da inovação social, (ii) atores da inovação social, (iii) estímulos da inovação social, (iv) relações entre os atores e (v) resultado da inovação social. Este modelo busca apontar a influência do contexto da inovação social na atuação dos atores envolvidos e nos estímulos para a inovação social. Esta influência se apresenta através da dependência da trajetória e das especificidades locais. A presença destes atores no contexto combinada com os estímulos para a inovação social, dão origem a inovação social per se. O ator da inovação social constrói relações diferentes com cada tipo de agente envolvido no processo, destas relações surge o resultado da inovação social. O resultado da inovação é o preenchimento dos vazios institucionais ao mesmo tempo que gera o empoderamento dos agentes.

A seta que une o resultado com o contexto, exemplifica o dinamismo do modelo, já que o empoderamento gerado pelas relações de inovação social retroalimentam o ciclo, modificando o contexto da inovação social, construindo uma nova realidade ao longo do tempo e podendo, assim, até alterar o perfil dos atores e os estímulos da inovação social. Cada uma das categorias está composta por propriedades que serão melhor exemplificadas nas subseções a seguir.

4.1 CONTEXTO DA INOVAÇÃO SOCIAL

O contexto confere sentido e organiza os elementos da inovação social, constituindo o meio que permeia um processo de inovação social. É neste contexto que interagem diferentes atores e onde se articulam os estímulos geradores da inovação social. Por isso, ao tentar compreender a inovação social e o desenvolvimento local, se faz relevante entender as características que compõe certo contexto. Desta forma, o contexto da inovação social pode ser compreendido através de duas propriedades: (i) dependência da trajetória e (ii) especificidades espaciais. Neste sentido, ao confrontar os dados analisados com a literatura existente, estas propriedades compõe o ALMOLIN e “referem-se à importância das definições "holísticas" e teorias de exclusão e inclusão social e economia social, que

adotam uma perspectiva histórica e reconhecem a especificidade espacial” (MOULAERT et al., 2005, p. 18).

4.1.1 Dependência da Trajetória

A dependência da trajetória é um termo dado para “uma ferramenta analítica para entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento, no tempo, de eventos e processos sociais” (BERNARDI, 2012). Nesse sentido, os agentes da inovação social e seus comportamentos dentro dos arranjos institucionais são consequência da história do local. Por isso, sem uma perspectiva histórica, a análise da inovação social fica comprometida como reforçam Moulaert, Parra, & Swyngedouw: “as condições iniciais de desenvolvimento de uma localidade ou de um bairro têm uma influência determinante em seu potencial de desenvolvimento e de inovação social” (MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014, p. 15).

O Bairro Floresta, por sua vez, com o início da urbanização acelerada pelo trânsito do bonde que circulava nas proximidades, passou a possuir características industriais e operárias, tanto que foi conhecido como “o bairro das chaminés”, pois lá passaram a se instalar grandes indústrias como grandes indústrias de cervejas, camas, fogões, pregos, etc. (FRANCO, 1992). Este tipo de concentração econômica, deu origem a construção de residências destinadas a abrigar operários e suas famílias. O Vila Flores é construído na década de 1920 para atender esta demanda.

Com o passar do tempo, a piora econômica do Estado do Rio Grande do Sul e a migração das empresas instaladas para outras regiões do País, o bairro passou a substituir as indústrias por empresas revendedoras, passando a incorporar também características comerciais. A saída das indústrias, deixou grandes espaços desocupados, tornando o bairro uma fonte de habitação para aqueles que não têm como pagar por isso. O próprio prédio do Vila Flores é exemplo disso, já que sofreu ocupação irregular até 2013. O Loteamento Santa Terezinha também tem sua origem em uma ocupação irregular, antes era conhecida como a Vila dos Papeleiros e após o incêndio que destruiu boa parte das moradias, a comunidade da vila foi

reassentada no mesmo local com autorização e reconhecimento da Prefeitura, tornando-se um loteamento (SANTOS, 2018).

Essa degradação econômica do bairro aliada a consequente degradação do espaço físico, acabou permitindo o surgimento de novos atores, que desta vez se apresentam como marginalizados da sociedade, como é o caso das prostitutas e dos catadores de resíduos. Desta forma, a dependência da trajetória tem forte relação com as especificidades espaciais, já que estes atores se distribuem pelo bairro de forma diferente, ao mesmo tempo que gera novos estímulos para a inovação social. A fala do vizinho COM2 exemplifica a mudança da paisagem ao longo do tempo:

“Essa zona quando eu era criança era estritamente residencial, era aprazível, não tinha violência e isso foi mudando drasticamente. Antes, a prostituição, que era pra baixo da Farrapos foi subindo e ficou na São Carlos”

COM2

4.1.2 Especificidades Espaciais

Como se viu na revisão da literatura e por tratar-se de um estudo de inovação social com foco no desenvolvimento local, entender o espaço é essencial para compreender os estímulos que permitem o surgimento da mesma. Um espaço geográfico pode ser delimitado através de definições administrativas (um bairro, um distrito ou uma cidade) ou sociais (um grupo de atores com identidade própria e sentido de pertencimento). Para esta pesquisa, o espaço de análise que contextualiza o Vila Flores é o Bairro Floresta da cidade de Porto Alegre.

Este bairro faz parte da região central da cidade, concentra aproximadamente 1% dos habitantes da cidade com um perfil de renda de até seis salários mínimos por responsável pelo domicílio conforme dados do Observatório da Cidade de Porto Alegre (2019). Três grandes vias principais cruzam o bairro: Avenida Cristóvão Colombo, Avenida Farrapos e Avenida Voluntários da Pátria. A Avenida Farrapos, em particular, se destaca por ser uma das principais vias de acesso à cidade, o que atribui ao bairro um fluxo significativo de pessoas. Apesar disso, o bairro mistura

características comerciais e residenciais, o que fica evidente na fala da vizinha entrevistada COM1:

“Ele [o bairro] é suficientemente urbanizado, ele é perto do Centro, dá pra ir a pé, e é suficientemente quase periferia. Bairro tranquilo, crianças brincando na calçada, pessoas tomando chimarrão. Apesar da questão da segurança, a gente ainda tem isso. Pessoas passeando com cachorrinho ... Então tem essa coisa meio pacata quase interiorana, mas também bem o urbano. Tem muitas casinhas, então o aluguel aqui, comparado por exemplo com o Bom Fim ou Cidade Baixa, tem uma faixa de aluguel um pouco mais acessível.”

COM1

Porém, quando falamos de inovação social é preciso entender o espaço não só como espaço físico, mas principalmente como uma construção social (MOULAERT et al., 2005; MOULAERT; MEHMOOD, 2010; NOVY; LEUBOLT, 2005). Ao selecionar os entrevistados para esta pesquisa, ficou claro que existia dentro da comunidade local grupos sociais diversos convivendo dentro do mesmo espaço físico. Por isso, o conceito de território de Souza (2001) ajuda a entender essa diversidade. Segundo ele, “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da OTAN”. (SOUZA, 2001, p.11).

Considerando isso, foi possível identificar que dentro do bairro Floresta existem múltiplos territórios: território do comércio de rua, território do tráfico, território dos catadores, território da prostituição, território dos travestis e território dos moradores conservadores. Como evidenciado, na Figura 5, a Avenida Cristóvão Colombo faz a divisa com o bairro Moinhos de Vento (bairro de classe alta) e se destaca pelo comércio tradicional de rua e moradias de classe média. A Av. Farrapos acolhe diversos pontos comerciais, porém hoje também é reconhecida pela

prostituição de rua. A própria Rua São Carlos, onde fica o Vila Flores, é conhecida por ser a rua de prostituição de travestis.

Por fim, a Avenida Voluntários da Pátria marca o limite do bairro com o fim da cidade (Avenida Castelo Branco e o Rio Guaíba) e hoje abriga cooperativas de catadores de lixo além de ser reconhecida como ponto de tráfico de drogas, apesar de, paradoxalmente, também sediar um dos principais órgãos estaduais de segurança, a SUSEPE – Superintendência dos Serviços Penitenciários. Uma das ações realizadas em parceria pelo Vila Flores com o do Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini – CSM foi a caminhada de reconhecimento do bairro com as crianças e jovens da do Loteamento Santa Terezinha. Durante a execução desta atividade, ficou claro os limites invisíveis do bairro já que muitos pais expressaram sua preocupação em relação ao trajeto a ser percorrido, pois tinham medo de que seus filhos andassem por ruas que pertencem a facção criminosa contrária.

Estes múltiplos territórios têm sua própria cultura e, por tanto, além de delimitar o perfil dos agentes da inovação social, se relacionam com os estímulos da inovação no momento em que cada território é afetado pelos vazios institucionais de forma diferente e, portanto, possuem necessidades não atendidas diversas e em graus distintos. Por exemplo, tanto os vizinhos tradicionais como as crianças do CSM possuem uma necessidade por acesso a programações culturais. Porém, o acesso à cultura por parte dos vizinhos tradicionais traz uma inclusão no sentido de pertencimento ao bairro e a cidade, já para as crianças é uma forma de perceber criticamente seu contexto social e capacita-lo para transformar sua realidade individual. Além disso, estas especificidades espaciais podem facilitar ou dificultar os resultados da inovação social.

4.2 ATORES DA INOVAÇÃO SOCIAL

Os atores da inovação social são todos os indivíduos, organizações ou instituições que, influenciados pelo contexto, de alguma forma interagem através de relações de inovação social. Cada perfil de ator possui uma relação diferente com o protagonista da inovação social e também se relacionam entre eles. Desta forma, os atores da inovação social podem ser divididos em quatro perfis: (i) protagonistas da

inovação social, (ii) comunidade local, (iii) parceiros estratégicos e (iv) ativismos sociais.

4.2.1 Protagonistas da Inovação Social

Os protagonistas da inovação social foram escolhidos para serem caracterizados primeiro por serem eles que articulam a inovação social *per se*. Para facilitar a compreensão das dimensões destes atores, podemos comparar a inovação social a uma orquestra. Nesse sentido, a orquestra é composta por um regente e seus músicos (que se dividem em famílias de instrumentos). O regente é o ator principal que dirige as ações de inovação social. Por sua vez, os principais participantes de uma orquestra são os músicos, são eles, com seu talento, que trazem significado a arte interpretada. No caso do Vila Flores, a instituição pode ser compreendida como regente, enquanto que os “vileiros” são os músicos.

O regente é o promotor e idealizador da inovação social. Sustentando suas ações na sua missão social, é ele quem direciona e integra os esforços da inovação social. Para entender esse direcionamento, faz-se necessário reforçar os quatro eixos norteadores do Vila Flores: i) Arte e Cultura – eventos e projetos de Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Música, entre outros; (ii) Educação – cursos, oficinas, seminários e encontros para troca de conhecimentos e experiências; (iii) Empreendedorismo – incentivo aos produtores locais e iniciativas que fazem a conexão entre negócios criativos, sociais e colaborativos; e (iv) Arquitetura e Urbanismo – fomento ao debate sobre questões urbanas e promoção de atividades para a concretização de projetos cujo objetivo é a melhoria da vida na cidade. Abaixo segue logo e slogan atual do Vila Flores (Figura 9) evidenciando três dos seus eixos. O eixo arquitetônico não faz parte da Associação por isso fica fora da representação física.

Figura 9 – Logo e slogan do Vila Flores



Fonte: blog do Vila Flores (acessado em 01/03/2019 em <https://vilaflores.wordpress.com>)

Porém, apesar de ser o orientador principal, o regente trabalha num sistema aberto de relacionamento com os outros protagonistas e atores. Ou seja, ele orchestra a inovação social, porém permite que os outros atores, como representantes do contexto, a modifiquem e construam também. A evidência disso está na fala dos gestores do Vila Flores que quando questionados sobre se imaginavam que o Vila teria o formato de hoje eles descrevem que o Vila Flores não é um projeto e sim um processo, ou seja, está em constante transformação. A citação abaixo, demonstra a importância do regente estar aberto ao contexto para poder potencializar os resultados da inovação social:

“A gente conseguiu ter abertura suficiente para o que realidade do momento estava nos mostrando. Mas a nossa ideia inicial não alcançou o tanto que isso ia se criar em rede. Não é um projeto que a gente fez um desenho, um desenho de projeto que seria assim... Nossa ideia era mais contida”.

PRO1

Os outros protagonistas são atores que colocam em prática as ações da inovação social. Como introduzido antes, no caso do Vila Flores são os “vileiros”, com quem o Vila Flores possui uma forte ligação (um não existe sem o outro). No início do Vila Flores, a família organizou um evento chamado “Vila Flores Portas Abertas”, a partir desse evento os participantes se encantaram (como descrito por

eles) pelo conjunto arquitetônico e pressionaram a família para acelerar os trabalhos de reforma. Assim, muitos destes participantes se transformaram nos primeiros “vileiros”, ocupando os apartamentos e fazendo a reconstrução de seus espaços. A fala de uma entrevistada de um dos vídeos analisados, corrobora a afirmação acima:

“O Vila não seria o Vila sem os “vileiros”. É crucial, fundamental, essencial o papel deles. Não só pela questão da conceitualização (da parte intangível do que é o Vila Flores hoje), mas também pela questão estrutural. Pegar um espaço zerado, acho que não era nem zerado, era menos, porque nem parede alguns espaços tinham”.

Entrevistada do Webdocumentario – part.4 – coletivos

Os “vileiros” são artistas e empreendedores de diversas áreas que alugam espaços de trabalho no Vila Flores. Hoje, são mais de 100 “vileiros” reunidos em 41 iniciativas e projetos. Eles são o verdadeiro exemplo de diversidade e de espaço democrático, já que convivem coletivos produtivos, organizações do terceiro setor, creche parental, negócios sociais, ateliês de artistas plásticos, estúdios sonoros, estúdios de arquitetos, entre outros. Muitos deles foram atraídos ao Vila Flores através da participação de eventos ou por indicação de algum empreendimento que trabalha em rede como é o caso das empresas de moda sustentável. Abaixo imagem registrada durante uma tarde de observação no Vila Flores (Figura 10), nesse dia o pátio iria receber um espetáculo de teatro infantil. Na imagem é possível ver “vileiros” conversando.

Figura 10 – Tarde no Vila Flores



Fonte: acervo da autora (2019)

4.2.2 Comunidade local

A comunidade local da inovação social são os agentes que coexistem no espaço da inovação social e que, diferente dos protagonistas, necessariamente estavam lá antes da inovação social surgir. Dentro da classificação de Schmitter (2000 apud SWYNGEDOUW, 2005), eles seriam os *space-holders*. Os “vileiros”, por exemplo, na sua maioria são moradores de outros bairros da cidade, não sendo considerados parte da comunidade local. Apesar dos moradores do bairro terem isso em comum e, como descrito na subseção sobre especificidades espaciais, a

comunidade local também difere em si mesma, contendo grupos sociais que conflitam. Dessa forma, é possível identificar que a comunidade local é dividida entre atores tradicionais, representados pela vizinhança do Vila Flores, e por atores marginalizados, que são os catadores de lixo, usuários de drogas e quem trabalha com prostituição.

A comunidade local tradicional é composta pela vizinhança do Vila Flores, sendo eles moradores ou comerciantes. Os moradores são em geral pessoas de vida simples (casas não luxuosas, mas aconchegantes), possuem instrução educacional e exercem alguma profissão, além de possuir renda que permite satisfazer suas necessidades humanas. Possuem comportamento conservador, participando de atividades ligadas a igreja local e criando um círculo de convívio fechado (para entrevista-los foi necessário ter indicação de um vizinho). Abaixo, a fala de uma vizinha frequentadora do Vila Flores sobre seus vizinhos:

“Eu moro aqui há 30 anos, mas diante de algumas pessoas eu me sinto muito novinha, quase uma invasora. [Eles] vivem daquele jeito... Claro que tem alguns que realmente não gostam. É uma questão de energias... são camadas que se mantem daquele jeito...”

COM1

É interessante destacar que eles mesmos se consideram diferentes da comunidade marginalizada, alimentando, de certa forma, essa exclusão. A fala do vizinho COM2 evidencia isso, quando ele descreve o lado do bairro por onde ele não transita:

“Tu sabe que o bairro, nesse ponto, realmente do outro lado da praça é bem marginalizado. Porque a gente sabe que lá do outro lado da Farrapos, da Voluntários... Aquilo lá é um perigo constante, muito perigo”

COM2

A comunidade local marginalizada, são os moradores do bairro que atuam em profissões rejeitadas pela sociedade e que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A maior parte dos territórios marginalizados se encontram entre a Avenida Farrapos e a Avenida Voluntários da Pátria, sendo o Loteamento Santa Terezinha, o principal representante desta dimensão na comunidade local. A maior parte dos moradores de lá trabalha com reciclagem de lixo em cooperativas ou nas suas próprias casas e acabam se envolvendo também com atividades ilícitas (drogas e prostituição), como descreve o entrevistado PAR2.

“Então foi feita uma comunidade nova, um loteamento novo. É um loteamento que devido as características dos moradores da região toda, a grande parte papeleiros, outra parte trabalha com coisas ilícitas; automaticamente é uma comunidade que tem relação com o restante do bairro Floresta e dos bairros aqui ao redor. Por que? Porque o pessoal com seus carrinhos acaba indo coletar material em diversos locais então acaba criando essa relação.”

PAR2

Exatamente, por serem indivíduos em situação de vulnerabilidade, são alvo da inovação social, tendo relação com o Vila Flores através de atividades criadas em parceria com o CSM, que atua no Loteamento. As prostitutas também são consideradas exemplos de comunidade local marginalizada, embora a relação do Vila Flores com elas ainda não seja muito próxima. Para finalizar esta subseção, segue fala de entrevistado que descreve essa divisão territorial na própria comunidade:

“Na realidade é que o lado de lá da Farrapos é o mundo visível e aqui [Loteamento] é o lado invisível. Tem o problema da invisibilidade do lado de cá. As pessoas de cá são invisíveis. Ninguém quer visualizar o mendigo, ninguém quer visualizar a prostituta, ninguém quer visualizar a prostituição. Querem consumir a prostituição, mas

não querem ver que é outra pessoa que está sendo usada, que tem morte por isso...”

PAR2

4.2.3 Parceiros estratégicos

Os parceiros estratégicos da inovação social são atores independentes que interagem com os protagonistas da inovação social através de ações construídas em conjunto e motivados por uma missão social em comum. Além de serem parceiros, a palavra “estratégicos” foi incluída na definição para diferenciar de atores financiadores ou instituições públicas que não transformam o arranjo da inovação social. Em outras palavras, parceiros estratégicos são aqueles que trazem uma diferenciação ao processo de inovação social, sem eles as ações e seus resultados da inovação social seriam diferentes. Durante a pesquisa, foi possível perceber também que estes parceiros podem ser tanto parceiros que já atuavam no contexto da inovação social, como o CSM, como parceiros que atuavam em outros contextos, como a ONG Mulher em Construção.

O CSM, junto com a creche marista, possui forte vínculo com a comunidade do Loteamento Santa Terezinha e cumpre o papel de liderança comunitária. Atuando na comunidade desde 2007, o CSM atende mais de 120 crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos, através de “oficinas culturais, didático-pedagógicas e atividades lúdicas, que estimulam o desenvolvimento das relações afetivas e sociais por meio do teatro, da música, dança, percussão e do esporte” (CSM, 2019). Tendo os eixos de educação e cultura em comum, o CSM e o Vila Flores realizam atividades em comum nessas áreas. A parceria com o CSM é relevante para o Vila Flores, pois se tratando de uma comunidade vulnerável, sem esta aproximação seria mais difícil ou impossível realizar as atividades ou obter resultados, como explica o entrevistado PAR2:

“Não estamos fazendo uma grande parceria de saída, mas nós estamos fazendo algo. Porque a comunidade aqui tem muita dificuldade quando vem alguém de fora querendo fazer um projeto. O pessoal se fecha e não funciona. O Vila Flores também nos procurou

porque nós já temos o know how e a nossa relação [com a comunidade] já é bem consolidada”.

PAR2

A ONG Mulher em Construção é uma organização formada por mulheres para o mercado da construção civil com o objetivo de promover o empoderamento feminino e reduzir as desigualdades de gênero. A ONG e o Vila Flores começaram a atuar em conjunto quando ambos identificaram que poderiam ter uma relação ganha-ganha, pois, o Vila Flores precisava realizar reformas prediais enquanto que a ONG buscava um lugar para colocar em prática seus cursos de formação. Diferente do CSM que já atuava no contexto, a ONG criou um vínculo mais próximo com o Vila Flores por participar desde o início da reconfiguração do Vila Flores como é hoje. Abaixo, seguem falas da entrevistada PAR1 que demonstram tanto a oportunidade que o contexto gerou para a parceria quanto a força do vínculo:

“Quando a gente chegou no VF, pensamos: meu Deus! É um prédio lindo... Se nos dessem a chance de fazer ele voltar a funcionar...”

PAR1

“A gente tem tudo a ver com o Vila Flores, a gente é o Vila Flores.”

PAR1

Hoje, a parceria se mantém já que a ONG tem sua sede no Vila Flores e troca o valor do aluguel por pequenas reformas de manutenção predial. Então, além de ser uma parceira estratégica, a ONG também é uma “vileira” e tem ligação com os ativismos sociais, dado que representa a causa feminista.

4.2.4 Ativismos sociais

Os atores ativistas sociais talvez sejam os mais difíceis de caracterizar, pois são os atores mais pulverizados da inovação social e são influenciados não só pelo contexto específico da inovação social, como por um contexto maior, por exemplo o

contexto da cidade ou de um país. Os ativismos sociais são uma expressão da sociedade civil que se posiciona como uma fonte de resistência as dinâmicas de exclusão social, podendo variar em suas formas desde movimentos sociais estruturais até manifestações de rua temporárias ou pontuais. Os atores ativistas sociais se relacionam com a inovação social através da promoção de atividades em conjunto que estejam alinhadas à missão social do regente da inovação social.

No caso do Vila Flores, o ativismo social se apresenta em intensidades diferentes nos empreendimentos dos “vileiros”. Todas as iniciativas e coletivos que residem no Vila Flores estão ligadas direta ou indiretamente a algum tipo de ativismo social: economia sustentável, empoderamento feminino, segurança afetiva, educação para todos, ocupação do espaço urbano, empreendedorismo negro, causa LGBT, etc.

Além disso, o Vila Flores não só acolhe iniciativas deste tipo, como também incentiva e provoca discussões de novas causas, se mantendo sempre aberto a ouvir as necessidades da sociedade. Algumas das entrevistas e observações foram realizadas durante o período eleitoral, assim foi possível perceber como de forma orgânica, discussões sobre democracia e um futuro mais inclusivo para o País, foram surgindo. Para reforçar isso, abaixo seguem: trecho retirado do blog do Vila Flores, foto mostra uma das bandeiras do Brasil revisitadas que foram coladas no pátio interno do Vila Flores (Figura 11), e divulgação em rede social de atividades realizadas por outros atores (Figura 12).

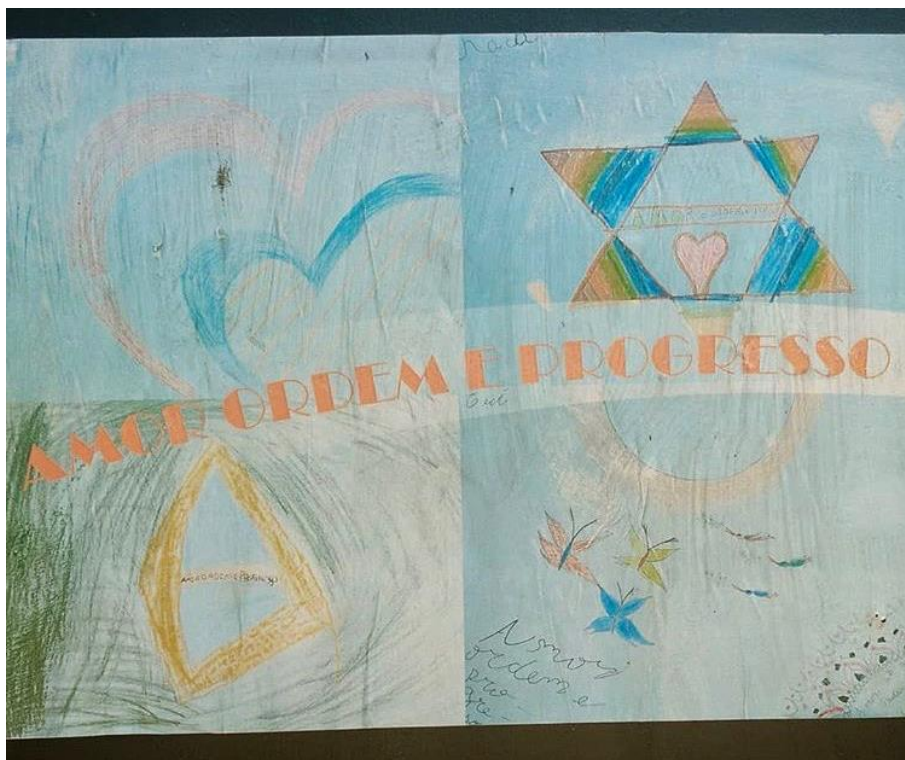
“Aqui praticamos a micropolítica porque acreditamos que sempre é momento de problematizar e de criar as propostas que queremos ver. As eleições passam, mas a luta pelos valores que acreditamos e defendemos continua ainda mais forte, organizada e clara.

No Vila fazemos isso com arte, cultura, educação, consumo consciente e arquitetura. Fazemos isso com novas formas de nos relacionar, no trabalho e na vida. Fazemos isso com o respeito com que tratamos todos que frequentam as nossas salas e espaços. E

seguiremos fazendo isso com ações pequenas, com as inovações sociais, com os projetos que propõem desconstruções.”

Blog do Vila Flores (acessado em 01/03/2019 em <https://vilaflores.wordpress.com>)

Figura 11 - Bandeira com o dizer “Amor, Ordem e Progresso” no pátio do Vila Flores



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 12 - Eventos de outros atores promovidos pelo Vila Flores em redes sociais



Fonte: Instragam Vila Flores (acessado em 10/03/2019 em @vilaflorespoa)

A ligação do Vila Flores com os ativismos sociais levanta uma característica das inovações sociais que é a contraposição aos poderes hegemônicos (MOULAERT et al., 2005). Nesse sentido, sua aproximação com estes ativismos se traduz no empoderamento de grupos sociais excluídos, que agora encontram um espaço acolhedor e incentivador para debater suas questões.

4.3 ESTÍMULOS DA INOVAÇÃO SOCIAL

Diferente das inovações tecnológicas que se originam a partir de orientações mercadológicas, as inovações sociais buscam resolver adversidades que não são resolvidas via mercado. Por isso, os estímulos são os elementos que conjugados explicam porque uma inovação social dentro de certo contexto ocorre. Desta forma, os estímulos podem ser divididos em (i) oportunidades aproveitadas, (ii) missão social do empreendedor social e (iii) vazios institucionais.

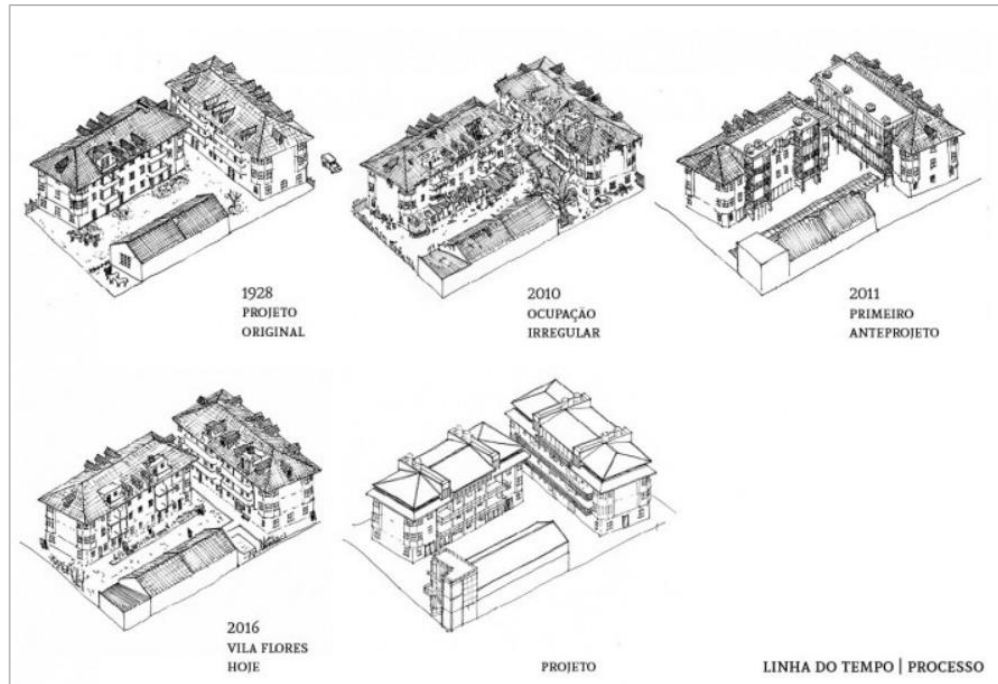
4.3.1 Oportunidades aproveitadas

Os estímulos por oportunidade são aqueles que dada a história e as especificidades espaciais de um contexto já existem num espaço e são aproveitados pela inovação social, facilitando a constituição de seus processos. Desta forma, este tipo de estímulo favorece ou acelera um processo de inovação social. Quando comparado com a revisão de literatura, não se identificou esta propriedade. No caso desta pesquisa, a história do prédio onde está instalado o Vila Flores é um exemplo de aproveitamento de uma oportunidade por parte do regente da inovação social.

O conjunto arquitetônico do Vila Flores estava ocupado por moradores irregulares até 2013. Com o recebimento da herança por parte da família proprietária e da realocação dos moradores irregulares, os prédios ficaram desocupados e disponíveis para adquirir novas funções. Neste caso, não só o abandono do prédio favoreceu o ambiente para a implementação da inovação social, mas as características arquitetônicas do conjunto sugerem relações mais colaborativas, que é a essência das relações do Vila Flores com os outros atores.

Na planta original dos prédios já eram considerados espaços de uso comum, como banheiros e cozinhas, além das sacadas estarem voltadas para o pátio interno (que ocupa boa parte do terreno), sugerindo uma interação maior entre os vizinhos. Além disso, tinha uma área destinada a um galpão de uso comercial e que hoje é utilizado como espaço comum para eventos. Então, o Vila Flores de hoje é uma releitura contemporânea das práticas colaborativas originais do prédio. A Figura 13 demonstra a evolução arquitetônica do conjunto de prédios ao longo do tempo.

Figura 13 - Linha do tempo do projeto arquitetônico do Vila Flores



Fonte: Goma Arquitetura (acessado em 01/03/2019 em www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.184/6015?page=1)

4.3.2 Missão social

Os estímulos relativos a missão social referem-se a um olhar para o empreendedor social como indivíduo com motivações pessoais para empreender. Ou seja, não basta haver uma oportunidade para inovar socialmente, alguém deve tomar a liderança de aproveitar esta oportunidade. O empreendedor social então é movido por uma missão social, um propósito que explica a razão de ser do empreendedor social, dando-lhe a disposição e a energia necessária para enfrentar a trajetória. Sem a missão social, a inovação social não consegue ser implementada.

No caso do Vila Flores, a família Wallig é o empreendedor social. Os membros da família não residiam mais em Porto Alegre, então podem ser considerados membros de fora da comunidade. Por isso, a missão social cumpre um papel mais relevante, já que realmente teve que surgir uma motivação pessoal forte para motivar os esforços de realizar o empreendimento, como descreve a entrevistada PRO1 abaixo:

“Aí a gente [família proprietária] foi descobrindo que isto era uma joia da cidade e, na verdade, a gente foi se apaixonando por este lugar e foi vendo algumas possibilidades para além do que seria um processo comum de vender”

PRO1

Além disso, quando contavam a história do Vila Flores, os outros atores incluíam a família empreendedora nos relatos como visionários ao achar uma saída de uso público para um patrimônio privado, como descreve o vizinho COM3.

“O João [Wallig] me disse: “seria mais fácil pra mim vender aquilo, ganharia um caminhão de dinheiro”. Mas ele não quis. Optou por essa solução e, sem dúvida, o fato do Vila Flores montar esse projeto de criação, de criatividade... Eu lembro que ele dizia: “eu quero pessoas aqui que sejam criativas, que trabalhem com tecnologia de ponta”. E eu fiquei bem encantado.”

COM3

Hoje, apesar da gestão da Associação ser profissional, a família possui forte influência no formato do Vila Flores. O pai da família é residente do complexo e os filhos dividem a gestão da parte patrimonial e da Associação cultural.

4.3.3 Vazios institucionais

Então, é possível afirmar que a inovação social pode surgir pela identificação de uma oportunidade aliada à missão social de um empreendedor. Entretanto, é necessário entender as adversidades que a inovação social tenta resolver. Estas adversidades são tanto a não satisfação de necessidades humanas, quanto as dinâmicas de exclusão social provocadas pelos vazios institucionais. Os vazios institucionais ocorrem quando as instituições não cumprem seu papel por estarem ausentes o manterem vínculo fraco com a sociedade civil, gerando desigualdade social (AGOSTINI; VIEIRA; BOSSLE, 2016).

Como o próprio ALMOLIN sugere, a degradação do estado de bem-estar aliado a crise das instituições públicas pode acentuar as desigualdades e é isso que se identificou no contexto do Vila Flores. No enfoque das necessidades não atendidas via mercado, notou-se que havia no contexto uma necessidade por consumir e produzir cultura, os vizinhos entrevistados ressaltaram como ficaram felizes no prédio abandonado estava surgindo um polo cultural. Além disso, a quantidade de “vileiros” que possuem empreendimentos sociais sugere que havia uma necessidade em empreender de forma colaborativa, através de rede e não de competição como normalmente é num sistema capitalista tradicional.

Por sua vez, as dinâmicas de exclusão social se apresentam no caso do Vila Flores a partir de duas dimensões, a falta de senso de pertencimento e não ocupação do espaço urbano. O senso de pertencimento se traduz tanto na falta de orgulho e de identificação com o bairro e na carência afetiva e de oportunidades de mobilidade social dos indivíduos marginalizados como descreve a entrevistada PAR3:

“São crianças e adolescentes numa situação de vulnerabilidade muito grande, não financeira, mas devido a vários fatores sociais, a carência de valores e afetiva é imensa. Eles não precisam de comida, em algumas assistências sociais a criança vai pela comida, mas é muito mais do que isso. É um olhar diferente, é um carinho, um limite que a gente coloca pra eles. Aquele olhar que temos diferente que é o que eles precisam. É muito peculiar, é gritante essa carência”

PAR3

Já a não ocupação do espaço urbano é a falta de liberdade dos indivíduos da comunidade em andar pelas ruas que desejam, seja por medo ou por falta de reconhecimento daquele espaço como seu. A fala da vizinha COM1 descreve um pouco do isolamento geográfico que os vizinhos sofriam antes da reconstituição do Vila Flores. É interessante perceber que as duas dimensões apareceram tanto na

fala da comunidade local tradicional, quanto na marginalizada, porém são derivados de vazios institucionais distintos.

“Tinha um ar de abandono aqui nessa esquina. Mas agora que eu sei que tem movimento, passo e tem o seu Amável varrendo a calçada, fazendo alguma coisa... dá pra parar pra conversar. Sempre tem alguém entrando ou saindo. Então eu sinto que sim, que melhorou bastante [a segurança].”

COM1

Resumidamente, os vazios institucionais são o objeto de combate da inovação social e quando preenchidos resultam no empoderamento cidadão, como se vê na subseção seguinte.

4.4 A INOVAÇÃO SOCIAL E SUAS RELAÇÕES

A forma em que se constituem as relações entre os atores da inovação social é o que permite compreender o processo da inovação *per se*, já que tendo como *input* os estímulos do contexto local, surgem os resultados da inovação social. Estas relações podem ser intencionais ou não por parte dos atores. Assim, apesar de terem sido tangenciadas nas categorias acima, a seguir serão detalhados os três tipos de relações encontrados: (i) relações de colaboração, (ii) relações de promoção de iniciativas e causas sociais e (iii) relações de conflito.

4.4.1 Colaboração

Se o propósito da inovação social está na transformação do contexto local, não tem como implementar ela sem a participação de todos os atores envolvidos. Uma inovação social que não promove práticas colaborativas para entender o contexto onde está inserida, para daí sim realizar ações que realmente preencham os vazios institucionais, não é uma inovação social efetiva (NOVY; LEUBOLT, 2005; TAŞAN-KOK, 2010). Nesse sentido, as relações colaborativas são vistas num sentido mais amplo, se apresentando tanto na forma de gerenciar o empreendimento social, como na constituição das parcerias estratégicas.

Hoje, no Vila Flores, a gestão se divide em (i) na parte patrimonial, onde a família proprietária tem a responsabilidade da manutenção e da restauração arquitetônica ao mesmo tempo em que arrecada o aluguel dos “vileiros”; e (ii) na parte da associação cultural, que promove os eventos culturais, de educação e empreendedorismo que ocorrem no local e onde a fonte de renda se concentra nos ganhos dos eventos e na participação de editais. Porém, desde sua reconstituição, a gestão já teve diversos formatos, intercalando momentos de horizontalização e verticalização e com maior ou menor participação dos “vileiros” na mesma.

Permitir e incentivar com que os “vileiros” participem da gestão (estratégia e operação) do Vila Flores criou um ambiente favorável a colaboração entre todos. É comum entrar no pátio e ver pessoas de diferentes iniciativas discutindo alguma coisa, trocando conhecimento ou desenvolvendo algo em conjunto. Para exemplificar, numa das observações realizadas, os “vileiros” decidiram finalizar a semana cozinhando pizzas no forno que construíram entre todos no pátio, “até a pizza é colaborativa” disse um deles. Além disso, este tipo de relação não só afeta a inovação social como também a gestão e os resultados de cada “vileiro”, como descreve o entrevistado PRO4:

“[a estrutura da empresa é influenciada pelo Vila] Sim, influência. Pela interação com as pessoas, a pluralidade de ideias e pensamentos. Muitas vezes na hora de lançar uma coleção ou um produto, a gente leva muito em consideração as coisas que as pessoas nos trazem, não só os clientes, mas a galera que convive conosco. A gente tenta trazer isso pro produto. No processo criativo isso interfere sem dúvidas.”

PRO4

No caso das parcerias estratégicas, a colaboração se vê desde o início da relação, que é de ganha-ganha. Não existe sobreposição entre as instituições e sim um trabalho verdadeiramente em conjunto. O Projeto de Skate na Vila, por exemplo, é um caso desses. O projeto surgiu quando o CSM identificou na comunidade o desejo de substituir o campo de bocha por uma pista de skate. Entendendo que só a

construção da pista não seria o suficiente para transformar as crianças e jovens do centro, o Vila Flores procurou financiadores para subsidiar aulas de skate para as crianças. Desta forma, as crianças e jovens do CSM identificam que é um trabalho em conjunto, abrindo espaço para uma maior aproximação entre o Vila Flores e o Loteamento.

4.4.2 Promoção de iniciativas e causas sociais

Precisamente por manter relações colaborativas em contrapartida as relações competitivas propostas pelo mercado, a inovação social cumpre papel de elo de ligação entre atores e causas que estavam desconexas, mesmo fazendo parte do mesmo contexto. Sendo assim, as relações de promoção de iniciativas se dividem em duas dimensões: pioneirismo (promover pelo exemplo) e poder catalizador (dar voz aos excluídos).

No caso do Vila Flores, promover outras iniciativas com alinhamento a sua missão social pelo exemplo é uma relação não intencional. Com isso, se quer dizer que, o Vila Flores acabou se tornando referência na cidade de práticas colaborativas e de inovação social em si, sem isso estar no seu planejamento inicial ou na sua estratégia norteadora. Hoje, seu pioneirismo atrai novas iniciativas (culturais e empreendedoras) ao bairro Floresta. Antes da sua existência, já existiam atores com esse perfil empreendedor e artístico na região, mas a vizinhança percebe um aumento dessas iniciativas após a reconstituição do Vila Flores. As falas dos entrevistados abaixo retratam este tipo de relação:

“E teve outras casas também que abriram aqui em função da casa de cultura [o Vila Flores]. Eu não sei os nomes, mas aquele atelier veio depois do casarão. Outra coisa, o café também. Tudo veio depois!”

COM2

“Acho que é um projeto que está reanimando o entorno e animando muita gente a vir pra cá, então é muito interessante.”

COM2

Por outro lado, seu poder catalizador fica mais evidente nas relações construídas com os atores ativistas sociais, que se sentem acolhidos no espaço do Vila Flores para, não só idealizar iniciativas, como para ampliar suas atividades e visibilidade através de eventos e debates promovidos e realizados no Vila Flores. A fala da entrevistada PRO3 mostra que não é a necessidade de um espaço que faz com que o “vileiros” escolham o Vila Flores e sim um desejo de colaborar com outras iniciativas que representem suas causas sociais.

“Quando foi resolvido que teríamos um local físico, a gente até procurou outros lugares aqui perto, a gente queria ficar próximo do Vila Flores.”

PRO3

4.4.3 Conflito

Assim como sugere Avelino (2017, p. 4) “perspectivas críticas sobre o empoderamento enfatizam que as tentativas de empoderar os outros, pode ter o efeito paradoxal de desempodera-los também”. Este tipo de relação também pode ser considerado não intencional, dado que o objetivo da inovação social é reduzir os conflitos existentes e não os aumentar. Porém, como existem territórios diferentes dentro de um espaço, o preenchimento de alguns vazios institucionais pode ferir as necessidades ou expectativas de algum grupo social. Este tipo de relação se dá, principalmente, com os atores da comunidade local.

No Vila Flores, os vizinhos entrevistados relataram sentir benefícios pessoais e para a comunidade após o surgimento do Vila Flores. Porém, eles mesmos retrataram que uma parcela da vizinhança não consegue compreender o trabalho que o Vila realiza na comunidade. Desta forma, com a realização de eventos culturais, muitos deles envolvendo música, alguns vizinhos passaram a se sentir afetados pelo som, associando o Vila Flores a “barulho”. Além disso, alguns vizinhos não veem com bons olhos as tentativas de coexistência entre o Vila Flores e a prostituição, como descreve a entrevistada PRO1. Do lado de fora do prédio, foram

construídos bancos para que os travestis da Rua São Carlos possam sentar durante a jornada de trabalho, como mostra a Figura 14.

“Alguns vizinhos acham que a prostituição tem que sair daqui, e a gente desde o início sempre foi da posição contrária. Meu pai que sempre fala nas reuniões de vizinhos “gente, é a profissão mais antiga do mundo! Esta aqui é a região da cidade conhecida por isso, então a gente tem que se acolher.”

PRO1

Figura 14 - Bancos construídos pelo Vila Flores para as prostitutas sentarem durante a jornada de trabalho e cartaz de programação mensal



Fonte: acervo da autora (2019)

Quando se trata da comunidade local marginalizada, o fluxo de pessoas que circulam no bairro aumentou após a revitalização do Vila Flores, principalmente em

dias de eventos. Quem consome prostituição procura zonas reservadas e com baixa movimentação para manter a discrição, desta forma o trabalho das prostitutas acaba sendo afetado. O Vila Flores tenta mitigar este conflito ao divulgar a programação mensal tanto nas paredes externas ao prédio (Figura 14) como levando a programação até o local de vestiário das prostitutas.

4.5 O EMPODERAMENTO/DESEMPoderAMENTO E DISCUSSÃO

Como fruto das relações estabelecidas entre os atores da inovação temos os resultados da inovação propriamente dita. Estes resultados se referem, principalmente ao preenchimento dos vazios institucionais, ou seja, a satisfação das necessidades humanas que permite a quebra as dinâmicas de exclusão social. Concordando com Moulaert et al. (2005) o desenvolvimento local deve ser cada vez menos entendido como uma questão de rendimentos e de capacidade de consumo, passando a focar sobretudo na promoção de mudanças estruturais que promovam a capacidade dos atores no sentido de encontrar soluções para os problemas que enfrentam. Por isso, o empoderamento gerado a partir da satisfação das necessidades humanas, é o grande ganho de um processo de inovação social como foco no desenvolvimento local, já que é ele que permite com que os atores da inovação social passem a influenciar o contexto local, retroalimentando o ciclo da inovação.

No caso do Vila Flores, a percepção geral dos entrevistados é que o Vila Flores realmente consegue promover o desenvolvimento do bairro através de suas ações em seus quatro eixos norteadores. Por sua vez o atendimento destas necessidades criou capacidades diferentes em cada ator. Nesse sentido, os atores percebem que o acesso a cultura foi facilitado através de eventos (gratuitos e pagos) e de projetos específicos (Skate na Vila). A realização de eventos no Vila Flores trouxe movimento ao bairro tanto pelo aumento de fluxo de pessoas como no aparecimento e migração de novas iniciativas. Isso, por sua vez, acabou gerando uma sensação de segurança maior para a vizinhança, que começou a transitar por

vias que evitava anteriormente, gerando liberdade de andar e ocupação de novos espaços territoriais. Já, as crianças do Loteamento Santa Terezinha tiveram a oportunidade entrar em contato com um esporte novo, entendendo que existe um mundo de possibilidades a ser explorado, além do que a realidade apresenta, criando senso de pertencimento a sociedade.

O confronto com literatura foi a fase final da coleta de dados. Como descrito no referencial teórico, o ALMOLIN é o grande expoente dos estudos e, por isso, é a principal base de comparação dos componentes do modelo dinâmico descrito neste capítulo. Boa parte dos elementos do ALMOLIN estão descritos nas categorias identificadas durante esta pesquisa. Porém, algumas considerações devem ser feitas. O ALMOLIN é um dispositivo que traz em sua essência a procura pela integração maior entre esfera pública, privada e sociedade civil (governança). Porém, diferente dos contextos europeus, onde o ALMOLIN foi desenvolvido, esta pesquisa não encontrou propriedades que compusessem instituições públicas como atores da inovação social. Pelo contrário, a ausência destas instituições ou a negligência em alguns aspectos da vida do cidadão do bairro Floresta, é um dos principais insumos para o surgimento do Vila Flores. Desta forma, a inovação social e o desenvolvimento local deve ser aqui entendido sobre uma ótica *gramsciana*. Ou seja, contra as forças hegemônicas e não demonstra sinais de institucionalização, mantendo ao longo do tempo de atuação, seu caráter disruptivo.

Sobre esta ótica, poderia se questionar até que ponto uma comunidade local que se encontra em situação de vulnerabilidade, tem condições de quebrar a inercia que vive para constituir resistência e inovar socialmente. Nesse sentido, o campo desta pesquisa ressaltou a necessidade incluir no modelo elementos que descrevem as oportunidades que surgem num contexto e o olhar para o empreendedor social. No caso do Vila Flores, por exemplo, se estes fatores não fossem favoráveis, seria muito provável que alguma iniciativa surgisse por parte da comunidade local. Foi necessário que um empreendedor social de fora da comunidade tivesse a iniciativa.

Finalmente, esta pesquisa mostrou que uma inovação social também pode ter um lado negativo (gerando externalidades negativas), mesmo não intencional. No

momento em que alguns atores se sentiram empoderados, outros sentiram que perderam poder sobre a região. Nenhum dos elementos do ALMOLIN sugere o desempoderamento de algum grupo social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à parte final desta dissertação é o momento de fazer o fechamento entre a questão de pesquisa principal e específicas com os resultados encontrados, garantindo então que esta pesquisa tenha cumprido sua finalidade. Este trabalho buscou compreender como a inovação social desenvolve o local onde ela ocorre. Para isso, vale retomar os objetivos específicos que foram desenhados no início desta pesquisa como forma de responder esta questão: a) Compreender o contexto da inovação social; b) Identificar quais são os atores envolvidos no processo de inovação social; c) Compreender como os atores envolvidos se relacionam entre si; e d) Analisar os resultados que a interação entre os atores gera no contexto.

Os *insights* que emergiram dos dados no caso do Vila Flores, se consolidam no Modelo Dinâmico de compreensão da Inovação Social e Desenvolvimento Local apresentado no capítulo de resultados. Este modelo é o que responde o objetivo geral desta pesquisa, já que ele demonstra que em um dado contexto (objetivo a), e a partir de alguns estímulos, os agentes da inovação social (objetivo b) se relacionam de diversas formas (objetivo c). Suas relações produzem empoderamento dos mesmos agentes, através da satisfação de suas necessidades e da criação de dinâmicas de inclusão social. Com isso, os agentes são capazes de modificar o contexto onde estão inseridos (objetivo d).

Em síntese, o Vila Flores é uma inovação social produto de uma família com uma missão social, que teve visão para juntar a oportunidade de um imóvel abandonado com as carências decorrentes dos vazios institucionais no bairro Floresta. Ao longo do tempo, o Vila Flores foi construindo e estreitando relações de colaboração e promoção de iniciativas com diversos atores, sendo eles os “vileiros”, os vizinhos tradicionais, os moradores do Loteamento Santa Terezinha, o CSM, a ONG Mulher em Construção e os mais diversos representantes de ativismos sociais da cidade. Apesar dos esforços para acolher todos os agentes, o Vila Flores também se relaciona com a comunidade local através de dinâmicas conflituosas.

Porém, uma das grandes contribuições desta pesquisa está na constatação de que o Vila Flores tem características de um laboratório vivo, alternando suas práticas e ações ao longo do tempo sempre baseadas no que o contexto sugere. Por isso, a inovação social com foco no desenvolvimento local, deve ser entendida através de um sistema aberto e em constante transformação.

Em relação as contribuições acadêmicas, esta pesquisa tem a proposta de um modelo que pode ser utilizado como base para entender outros fenômenos de inovação social com foco em desenvolvimento local, facilitando os instrumentos de pesquisa dos pesquisadores futuros. Além disso, como visto na revisão da literatura, a maior parte das pesquisas realizadas em desenvolvimento local a partir de inovações sociais, utiliza casos de estudo único como metodologia. Por isso, a aplicação de *Grounded Theory* nesta pesquisa evidencia a riqueza da emergência da teoria substantiva a partir da prática, conseguindo complementar categorias já existentes em outros modelos. A partir do confronto com modelos propostos na literatura que direcionam sua análise nas instituições, foi possível incorporar propriedades que analisem os agentes da inovação social a partir de um olhar do indivíduo (missão social e perfil dos agentes).

Em relação as contribuições gerenciais, o caso do Vila Flores demonstrou ao empreendedor social a importância de realizar parcerias estratégicas para potencializar o alcance do seu empreendimento. A implementação de práticas colaborativas, que permeiam todo o processo de inovação social, permitem a transformação constante do direcionamento das ações realizadas, ao mesmo tempo em que modificam a gestão dos agentes que se relacionam com a inovação social. Isto sugere, que estas práticas, que se opõem às práticas tradicionais de competição, possam incrementar resultados não só em empreendimentos sociais como também em empreendimentos tradicionais.

Apesar destas contribuições esta pesquisa também possui limitações. Nesse sentido, durante a fase de coleta de dados esperava-se acessar mais membros da comunidade marginalizada. A ideia inicial era entrevistar moradores do Loteamento Santa Terezinha e prostitutas que atuam na rua São Carlos. Porém, acessar aos

potenciais entrevistados implica “reconhecer seu caráter complexo, político, ético, e natureza relacional, que exige que os pesquisadores assumam a responsabilidade de respeitar a posição e os valores dos participantes da pesquisa e de compreender as consequências potenciais de suas ações.” (CUNLIFFE; ALCADIPANI, 2016, p. 538). Então, após entrevistas com os gestores do CSM, entendeu-se que entrevistar os moradores poderia ser interpretado como um ato invasivo ao território e aos membros da comunidade. No caso das prostitutas, foi realizado contato com algumas delas, mas não houve retorno positivo. Além disso, algumas das entrevistas tiveram relativa duração curta dado que os entrevistados participaram da pesquisa dentro do seu contexto e conforme sua disponibilidade de tempo.

Dado os resultados encontrados e as limitações apresentadas acima, esta pesquisa traz sugestões de pesquisas futuras que possam ampliar o debate sobre inovação social e desenvolvimento local. Assim, sugere-se a incorporação de teorias críticas como embasamento teórico para entender a inovação social num contexto local como respostas às forças hegemônicas, tema que ficou tangenciado nesta pesquisa. Além disso, esta pesquisa partiu da proposição de que a inovação social tem resultados positivos (desenvolvimento local), porém identificou-se que os processos de inovação local podem acentuar ou criar novas dinâmicas conflituosas. Por isso, faz sentido incluir a compreensão destes resultados des-empoderadores em novas pesquisas. Pelo ponto de vista metodológico, sugere-se que métodos de inspiração etnográfica sejam aplicados como forma de garantir um melhor acesso a membros comunitários que se encontram em situação de vulnerabilidade, mas que podem trazer novos insights acadêmicos. Por fim, sendo a inovação social um sistema aberto e em constante transformação, sugere-se o estudo da inovação social e desenvolvimento local sobre uma perspectiva longitudinal, comparando as mudanças dos agentes, relações e estímulos ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Manuela Rösing; VIEIRA, LUCIANA; BOSSLE, Marília Bonzanini. Social innovation as a process to overcome institutional voids: a multidimensional overview. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 72-101, 2016.

AVELINO, F. et al. Transformative social innovation and (dis)empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 1, p. 1–12, 2017.

BERNARDI, Bruno Boti. O conceito de dependência da trajetória (path dependence): definições e controvérsias teóricas. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 41, 2012.

CASSIERS, T.; KESTELOOT, C. Socio-spatial Inequalities and Social Cohesion in European Cities. **Urban Studies**, v. 49, n. 9, p. 1909–1924, 2012.

CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G.; MURRAY, R. **The Open Book of Social Innovation**. [s.l.: s.n.]. v. 30

CHARMAZ, Kathy. **Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis**. Sage, 2006.

CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale ?** 314 Cahier ed. [s.l.] CRISES, 2003, 2003.

COHEN, N.; ARIELI, T. Field research in conflict environments: Methodological challenges and snowball sampling. **Journal of Peace Research**, v. 48, n. 4, p. 423–435, 2011.

CSM. **Quem somos**. Disponível em: <https://social.redemarista.org.br/centro/ir-antonio-bortolini/sobre>. Acesso em: 01 mar 2019.

CUNHA, K. S. DA et al. Análise de dados: comparação entre as diferentes perspectivas metodológicas da Teoria Fundamentada nos Dados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, n. 0, p. 1–9, 2018.

CUNLIFFE, A. L.; ALCADIPANI, R. The Politics of Access in Fieldwork: Immersion, Backstage Dramas, and Deception. **Organizational Research Methods**, v. 19, n. 4, p. 535–561, 2016.

DE MURO, P.; DI MARTINO, P.; CAVOLA, L. Fostering participation in Scampia:

Let's make a piazza. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 223–237, 2007.

EDWARDS-SCHACHTER, M. E.; MATTI, C. E.; ALCÁNTARA, E. Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case. **Review of Policy Research**, v. 29, n. 6, p. 672–692, 2012.

EIZAGUIRRE, S. et al. Multilevel Governance and Social Cohesion: Bringing Back Conflict in Citizenship Practices. **Urban Studies**, v. 49, n. 9, p. 1999–2016, 2012.

EUROPEANCOMMUNITIES. **Social innovation , governance and community building - SINGOCOM - Final Report.EU RESEARCH ON SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES**. Luxemburg.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 2º edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 163-167

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLASSER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The development of grounded theory**. Chicago, IL: Alden, 1967.

GONZALEZ, S.; HEALEY, P. A Sociological Institutional Approach to the Study of Innovation in Governance Capacity A Sociological Institutional Approach to the Study of Innovation in Governance Capacity. **Urban Studies**, v. 42, n. December 2014, p. 2055–2069, 2005.

HEALEY, P. City regions and place development. **Regional Studies**, v. 43, n. 6, p. 831–843, 2009.

KLEIN, J. L.; TREMBLAY, D. G.; BUSSIERES, D. R. Social economy-based local initiatives and social innovation: a Montreal case study. **International Journal of Technology Management**, v. 51, n. 1, p. 121, 2010.

LONGO, G.; GEROMETTA, J.; HAUSSERMANN, H. Social Innovation and Civil Society in Urban Governance : Strategies for an Inclusive City. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2007–2021, 2005.

MEMBRETTI, A. Centro Sociale Leoncavallo: Building citizenship as an innovative service. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 252–262, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOULAERT, F. et al. Towards Alternative Model(s) of Local Innovation. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 1969–1990, 2005.

MOULAERT, F.; MEHMOOD, A. Analysing regional development and policy: A structural-realist approach. **Regional Studies**, v. 44, n. 1, p. 103–118, 2010.

MOULAERT, F.; NUSSBAUMER, J. The Social Region. **European Urban and Regional Studies**, v. 12, n. 1, p. 45–64, 2005.

MOULAERT, F.; PARRA, C.; SWYNGEDOUW, E. Ciudades , barrios y gobernanza multiescalar en la Europa urbana. **EURE**, v. 40, n. 119, p. 5–24, 2014.

MULGAN, G. The Process of Social Innovation. **Innovations**, v. 8, n. 3, p. 145–162, 2006a.

MULGAN, G. The Process of Social Innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 1, n. 2, p. 145–162, 2006b.

MUMFORD, M. D. Social Innovation : Ten Cases From Benjamin Franklin. **Creativity Research Journal**, v. 14, n. 2, p. 253–266, 2002.

NOVY, A.; HAMMER, E. Radical innovation in the era of liberal governance: The case of Vienna. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 210–222, 2007.

NOVY, A.; LEUBOLT, B. Participatory budgeting in Porto Alegre: Social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2023–2036, 2005.

OBSERVA POA. Bairro Floresta. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=26_0_0. Acesso em: 01 mar 2019

OCDE. **Manual de Oslo: Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação**. Ed. 3, Paris: 2005.

OLABUÉNAGA, José Ignacio Ruiz. **Metodología de la investigación cualitativa**. Universidad de Deusto. Bilbao, 1999.

ONU-BR. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> . Acesso em: 21 nov. 2017

PAIDAKAKI, A.; MOULAERT, F. Does the post-disaster resilient city really exist? A critical analysis of the heterogeneous transformative capacities of housing reconstruction “resilience cells”. **International Journal of Disaster Resilience in the Built Environmen**, v. 8, n. 3, p. 275–191, 2017.

PARÉS, M.; BONET-MARTÍ, J.; MARTÍ-COSTA, M. Does Participation Really Matter in Urban Regeneration Policies? Exploring Governance Networks in Catalonia (Spain). **Urban Affairs Review**, v. 48, n. 2, p. 238–271, 2012.

PETRINI, M.; POZZEBON, M. Integrating Sustainability into Business Practices : Learning from Brazilian Firms. **Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 4, p. 362–378, 2010.

RAHMAN, T. The emergence of informal governance in neighborhood upgrading in Dhaka, Bangladesh. **Disp**, v. 47, n. 187, p. 70–81, 2011.

RODIMA-TAYLOR, D. Social innovation and climate adaptation: Local collective action in diversifying Tanzania. **Applied Geography**, v. 33, n. 1, p. 128–134, 2012.

SANTOS, Emilio Luis Silva dos. **Loteamento Santa Terezinha em Porto Alegre/RS: entre a aparente permanência e a tênue mudança.** 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHUMPETER, J.A. **A teoria do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SCOTT-CATO, M.; HILLIER, J. How could we study climate-related social innovation? Applying Deleuzean philosophy to Transition Towns. **Environmental Politics**, v. 19, n. 6, p. 869–887, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116

STAKE, R. E. Qualitative case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **The Sage Handbook of qualitative research**. 4.ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 443 – 466

_____. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SULEIMAN, L.; CARS, G. Water supply governance in Accra: Authentic or symbolic. **Water Policy**, v. 12, n. 2, p. 272–289, 2010.

SWYNGEDOUW, E. Governance Innovation and the Citizen: Face of Governance-beyond-the-State. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 1991–2006, 2005.

TAYLOR J. B. Introducing social innovation. **Journal of Applied Behavioral Science**, v.6, n.1, p. 69–77, 1970.

TAŞAN-KOK, T. Entrepreneurial governance: Challenges of large-scale property-led urban regeneration projects. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, v. 101, n. 2, p. 126–149, 2010.

VAN DER HAVE, R. P.; RUBALCABA, L. Social innovation research: An emerging area of innovation studies? **Research Policy**, v. 45, n. 9, p. 1923–1935, 2016.

VILA FLORES. **Sobre o Vila Flores**. Disponível em: <https://vilaflores.wordpress.com/about/> . Acesso em: 01 mar 2019

VINUTO, J. A amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

WAMUCHIRU, E.; MOULAERT, F. Thinking through ALMOLIN : the community bio-centre approach in water and sewerage service provision in Nairobi ' s informal settlements. **Journal of Environmental Planning and Management**, p. 1–20, 2017.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO A – IMAGENS DO VILA FLORES

Figura 15 – Foto do Vila Flores pela Rua Hoffmann



Fonte: Acervo de Fernando Banzi e Lauro Rocha (acessado 01/03/2019 em <https://vilaflores.wordpress.com/about>)

Figura 16 – Foto aérea do complexo Vila Flores



Fonte: Acervo de Fernando Banzi e Lauro Rocha (acessado 01/03/2019 em <https://vilaflores.wordpress.com/about>)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br